

VOLUME 1



EDIÇÃO 2

POPULISMO



etc.

ARTIGOS RECEBIDOS ENTRE 2024 E 2025



Capa

Iara Emanuelle de Souza Santos (SOL - UnB)

Diagramação

Calebe Silva de Carvalho (IPOL - UnB)

Fotografia

Gordon Parks

Editorial

A revista Etcétera – Política e Multidisciplinariedade é um periódico eletrônico de acesso aberto. Este periódico é destinado a divulgar e ampliar, para estudantes e pesquisadores em geral, o campo de circulação e o debate acadêmico na Ciência Política e de Políticas Públicas. É organizada por estudantes de graduação do Instituto de Ciência Política (IPOL) e do Departamento de Gestão de Políticas (GPP) da Universidade de Brasília. A Revista Etcétera publica textos em português, inglês e espanhol, após serem triados pela Equipe Editorial e serem encaminhados a pareceristas externos para avaliação em regime de anonimato. Atualmente a revista está organizada como um projeto de Extensão vinculado ao DEX (Decanato de Extensão) da UnB.

Equipe Editorial

Coordenadores Docentes

Prof.^a Dra. Michelle Vieira Fernandez de Oliveira (IPOL/UnB)

Prof. Dr. Frederico Bertholini Santos Rodrigues (IPOL/UnB)

Editor-Chefe

Calebe Silva de Carvalho

Editores Executivos e Colaboradores

André Gouveia de Queiroz (PPGHD - UnB)

Bianca Antunes Chaves (IPOL – UnB)

Caroline Pinheiro Damazio Franklin (IPOL – UnB)

Eduardo Andrade Bacaneli (IPOL – UnB)

Eduardo M. Chíxaro (GPP – UnB)

Helena Sousa Ritter (IPOL – UnB)

João Luiz Marques Rodrigues (IPOL – UnB)

Maria Luiza Dornelles de Carvalho Soares (IPOL – UnB)

Pablo Magno Hernandez Gomes De Moraes (IPOL – UnB)

Sophia Sousa Cagliari Hernandes (IPOL – UnB)

Vinícius Brito Silva Pinelli (IPOL – UnB)

Vitor Jara Ramalho da Silva (GPP – UnB)

Autores de Artigos

Álice Monteiro Melo

Ana Flávia Ferreira

Bianca de Arruda

Bruna Rodrigues da Costa Santos

Bruno Soares de Oliveira

Danillo Gustavo da Nóbrega

Dominique Ferreira Lepinsk Romio Silva

Francisco Pires Isaac Ofugi

Hudson Macedo Nunes Ludgero

Jennifer Kelly Mello da Silva

João Veigas dos Santos Junior

Leony Santiago Araújo

Luana Lacerda de Gusmão

Maria Clara de Queiroz Machado

Maria Clara Miranda Pereira

Pedro Henrique Teixeira Lourenço

Ramon de Oliveira Gomes

Solange Tawaialo Paique

Vicente de Cerqueira e Silva Ferreira

Contato

E-mail: revista.etcetera.unb@gmail.com

Site: <https://revistaetc.unb.br>

Instagram: @etceteraunb

Instituto de Ciência Política - IPOL

Universidade de Brasília - UnB - Prédio IPOL\IREL - IPOL, UNB Área 1 - Asa Norte, Brasília

- DF, 70904-970

SUMÁRIO

Prefácio _____	06
Caracterizando o fenômeno do populismo _____	08
Variedades de Populismo:	
Os casos contemporâneos de Trump, Bolsonaro e Milei _____	17
Buscando Explicações para a Demanda por Populistas _____	27
O Fenômeno Populista Identidade e Enquadramento _____	35
Populismo em perspectiva comparada: avaliando métodos de análise	
do populismo no Sul e no Norte Global _____	47
O Populismo na América Latina e Europa:	
Participação ou Corrosão Democrática? _____	55
Comunicação Populista: Uma revisão teórica de conceitos _____	66

PREFÁCIO

Frederico Bertholini

Como Coordenador do projeto de extensão *Revista Etcetera e ex-tutor* do Programa de Educação Tutorial (PET), é com especial satisfação que apresento este volume especial. A publicação marca os dois anos e meio de tutoria e colaboração com os discentes do PET do curso de Ciência Política da Universidade de Brasília, com quem tive a felicidade de interagir, dialogar e aprender. Esta coletânea é o resultado de nossas experiências de leitura e pesquisa, focando na análise do populismo contemporâneo em suas múltiplas dimensões e manifestações.

A Busca por uma Definição: Ideologia, Discurso e Estratégia

Ao longo deste tempo, mergulhamos em um dos temas mais desafiadores da política atual: o populismo. Longe de ser um mero rótulo jornalístico, o populismo é um fenômeno complexo que desafia nossas concepções sobre democracia, representação e comunicação. O que se segue é o resultado de nosso esforço coletivo para dissecar esse conceito, examinando-o desde suas fundações teóricas até suas manifestações mais recentes.

O ponto de partida foi reconhecer a natureza disputada do conceito. O artigo “Caracterizando o Fenômeno do Populismo”, de Bruna Rodrigues, Bruno Soares e João Veigas, revisa a literatura, confrontando as abordagens que veem o populismo como uma “ideologia de centro fino” — definida pela dicotomia moral entre o “povo puro” e a “elite corrupta” — com aquelas que o compreendem como um discurso ou estilo político. Os autores salientam que a falta de consenso exige critérios claros para analisar este fenômeno flexível e adaptável.

Variedades Empíricas e a Demanda por Populistas

A transição da teoria para a prática é vista na análise das manifestações empíricas. O artigo “Variedades de Populismo: Os casos contemporâneos de Trump, Bolsonaro e Milei”, de Dominique Lepinsk, Maria Clara Machado e Ramon Oliveira, recapitula as ondas populistas no continente americano e apresenta a variedade mais contemporânea: o populismo reacionário. Os autores analisam as semelhanças entre Donald Trump, Jair Bolsonaro e Javier Milei, destacando a mobilização de pautas como o neoliberalismo, o conservadorismo social e a retórica antiestablishment.

Explorando o lado da “demanda”, o artigo “Buscando Explicações para a Demanda por Populistas”, de Bruna Rodrigues, Leony Santiago e Hudson Ludgero, questiona a ideia de que o populismo é impulsionado apenas por crises econômicas. O trabalho argumenta que a ascensão populista é motivada também pela percepção de ameaça cultural e o sentimento de abandono por elites cosmopolitas, algo impulsionado pela virada para os valores pós-materialistas. Esse sentimento de exclusão é um “reservatório” que “empreendedores políticos” podem mobilizar.

Reforçando essa linha, “O Fenômeno Populista: Identidade e Enquadramento”, de Jennifer Mello, Maria Clara de Queiroz Machado, Pedro Henrique Lourenço e Solange Tawaialo, utiliza a Teoria da Identidade Social para explicar como o populista constrói laços de pertencimento. O artigo demonstra que a identificação com o grupo interno (“o povo”) é fortalecida pela hostilização do grupo externo (“a elite”). O sentimento de ameaça ao *status quo* é apresentado como um fator decisivo

em eleições, como a de 2016 nos EUA. Os autores notam que indivíduos com menor escolaridade tendem a ser mais suscetíveis a essas mensagens.

Metodologia e Impacto na Democracia

A complexidade do tema exige métodos flexíveis. Em “Populismo em Perspectiva Comparada: Avaliando Métodos de Análise do Populismo no Sul e no Norte Global”, de Álice Monteiro, Ana Flávia Ferreira, Jennifer Melo, Leony Santiago e Vicente Ferreira, os discentes comparam quatro metodologias: a análise textual (que distingue populismo de discursos demóticos), a análise de conteúdo (que adota uma gradação de intensidade), os *surveys* com especialistas (para análise comparada) e os *surveys* de opinião pública (sugerindo a Teoria de Resposta ao Item para medir atitudes individuais).

A tensão com o sistema democrático é o foco de “O Populismo na América Latina e Europa: Participação ou Corrosão Democrática?” de [Calebe, INSERIR]. Os autores revisam como a ascensão de populistas se baseia na insatisfação com a baixa responsividade das democracias liberais. O texto debate a ambivalência do fenômeno, contrastando o teor corrosivo de líderes como Trump e Bolsonaro com apelos à participação que visam pressionar instituições, como no caso Petro. O estudo ressalta ainda que a associação entre populistas e eleitores autoritários parece ser condicionada pela ideologia, pois eleitores autoritários tendem a rejeitar populistas de esquerda por percebê-los como uma ameaça ao *status quo*.

Finalmente, a dimensão comunicacional é examinada no trabalho “Comunicação Populista: Uma revisão teórica de conceitos” de [Calebe, INSERIR]. Este artigo aprofunda a compreensão do populismo como retórica maniqueísta e explora sua intersecção com o fenômeno da pós-verdade. A análise detalha como esse discurso é sustentado por três pilares: a cognição motivada (que reforça crenças pré-existentes), a epistemologia conspiratória (que rejeita fatos contraditórios) e o *bullshit* (onde o compromisso com a verdade é irrelevante).

Esta coletânea representa um panorama abrangente sobre um dos fenômenos mais desafiadores da política global. O rigor dos discentes do PET serve como base para a reflexão sobre os limites da democracia liberal na era do populismo.

Desejo uma ótima leitura.



Integrantes do PET POL

CARACTERIZANDO O FENÔMENO DO POPULISMO

Bruna Rodrigues da Costa Santos(1)

Bruno Soares de Oliveira(2)

João Veigas dos Santos Junior(3)

RESUMO: O populismo é tema de intenso debate acadêmico e público, com definições contestadas e múltiplas interpretações. Este artigo revisa três abordagens teóricas centrais: como ideologia (Mudde), definida pela dicotomia moral entre o “povo puro” e a “elite corrupta”; como discurso (Aslanidis), que enfatiza elementos retóricos e performativos; e como representação política (Cassimiro), que reflete sobre sua compatibilidade com a democracia. Argumenta-se que o populismo é flexível, adaptando-se a diferentes contextos ideológicos, históricos e geográficos, desde movimentos de esquerda na América Latina até líderes de direita na Europa contemporânea. A revisão destaca a falta de consenso conceitual e a importância de sistematizar critérios analíticos que permitam compreender as manifestações do populismo em distintas conjunturas.

Palavras-Chave: Populismo, conceito, povo puro, elite corrupta;

(1) *Graduanda em Ciência Política e Bacharel em Relações Internacionais (UnB)*

(2) *Mestrando (PPGCP/UNB) e Bacharel em Ciência Política (UnB)*

(3) *Graduando em Ciência Política (UnB)*

1. INTRODUÇÃO

O conceito de populismo é intensamente disputado, amplamente debatido na esfera pública e acadêmica. Mudde (2004) aponta que, a partir dos anos 1980, houve um aumento significativo no número de estudos sobre o surgimento dos “partidos populistas” no Ocidente, muitas vezes com uma abordagem alarmista que apresenta o populismo como uma ameaça à democracia liberal. Nos últimos anos, com o agravamento da crise democrática em diversos países e a recorrência de líderes com características classificadas como populistas em várias partes do mundo, o termo tem se tornado mais frequente e recebido atenção crescente em produções e trabalhos acadêmicos.

Na esfera pública, é comum que o termo populismo careça de uma conceituação clara, embora haja um consenso em compreendê-lo como uma forma patológica, pseudo e pós-democrática, resultante da corrupção dos ideais democráticos. Com base nesse entendimento, o termo é frequentemente atribuído, de forma deliberada, a diversas personalidades com posições políticas diametralmente opostas. Ao longo do tempo, sua aplicação sem critérios consistentes fez com que o populismo adquirisse um sentido pejorativo no imaginário popular, sendo utilizado para depreciar

ou desmerecer adversários políticos, o que contribuiu para tornar o fenômeno genérico e dificultar sua compreensão (Mudde, 2004; Cassimiro, 2021).

O populismo, conforme discutido na literatura, é abordado a partir de diferentes perspectivas que frequentemente disputam sua conceitualização, geralmente de maneira pouco sistematizada. Cassimiro (2021) observa que o termo tem sido cada vez mais utilizado, um crescimento atribuído principalmente aos esforços das ciências sociais em interpretar os sintomas da crise democrática. No entanto, esse aumento no uso não tem sido acompanhado por uma definição clara e rigorosa, seja no plano analítico ou empírico.

Um dos principais problemas destacados nos estudos sobre o populismo é a ausência de uma definição clara do fenômeno. Muitos autores aplicam o termo retrospectivamente, partindo da análise de seus efeitos — atribuindo-o a determinados atores e comportamentos — e frequentemente postergam ou ignoram o debate sobre as raízes do objeto de estudo. Esse passo, no entanto, é essencial para uma compreensão aprofundada do tema. Mesmo entre aqueles que buscam sistematizar o conceito e encontrar pontos comuns, surgem desafios, como a caracterização do populismo como um “significante vazio” (Cassimiro, 2021).

Este artigo tem como objetivo revisar a literatura sobre o populismo, destacando a importância de uma conceitualização sistemática para compreender esse fenômeno em diferentes contextos. Para isso, apresentamos diversas abordagens que emergiram no debate teórico sobre o conceito de populismo. O esforço se justifica pela necessidade de fornecer ao campo da ciência política uma visão abrangente, capaz de estabelecer critérios claros para identificar e analisar o populismo. Essa base conceitual clara pode orientar o desenvolvimento de metodologias mais robustas, promovendo análises comparativas que contribuam para compreender o fenômeno em diferentes países, períodos históricos e contextos socioeconômicos.

Para cumprir esse objetivo, o artigo aborda, nas seguintes seções, a visão do populismo como uma ideologia, conforme a definição de Cas Mudde (2024) em seu artigo “The Populist Zeitgeist”; a crítica de Paris Aslanidis (2016) no artigo “Is Populism an Ideology? A Refutation and a New Perspective”, que defende a compreensão do populismo como discurso; e, por fim, a apresentação de outras formas de compreensão propostas por Paulo Cassimiro (2021) em “Os Usos do Conceito de Populismo no Debate Contemporâneo e Suas Implicações sobre a Interpretação da Democracia”. Ao final, apresentamos as conclusões sobre o debate teórico e reflexões acerca do campo de pesquisa.

2. O POPULISMO SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS

Cassimiro (2021), em seu artigo, analisa diferentes abordagens utilizadas para compreender o fenômeno do populismo, enfatizando as características centrais que cada perspectiva privilegia. Uma dessas abordagens considera o populismo como uma ideologia, buscando identificar elementos comuns que possam constituir-lo enquanto tal. Cas Mudde (2004) foi pioneiro nessa concepção, ao propor uma definição que rejeita a ideia de que o populismo seja uma “patologia” democrática. Mudde também argumenta que explicações que carecem de uma definição clara são falhas e, paradoxalmente, contribuem para fortalecer o populismo em vez de enfraquecê-lo. Cassimiro (2021) também examina o populismo como um estilo político, com foco nos aspectos performativos, como

elementos discursivos e simbólicos. Essa perspectiva dialoga com a análise de Benjamin Moffitt (2016) e com a crítica de Paris Aslanidis (2016) à abordagem ideológica, propondo que o populismo seja melhor compreendido como um enquadramento discursivo. Exemplos recentes, como o comportamento político de Jair Bolsonaro e Javier Milei durante processos eleitorais, evidenciam traços que corroboram amplamente essa interpretação.

Por fim, Cassimiro (2021) apresenta a perspectiva de Laclau, que propõe desconsiderar as tentativas de encontrar unidades referenciais para definir o populismo e, em vez disso, foca na construção de identidades.

2.1. POPULISMO COMO IDEOLOGIA

Cassimiro (2021) defende que Cas Mudde (2004) contribui para a abordagem do populismo como uma ideologia, embora de natureza esvaziada e flexível. Eles afirmam que o fenômeno possui conceitos centrais que se estendem a diferentes contextos, ao mesmo tempo, em que retém características singulares ainda não totalmente definíveis. Para compreender a perspectiva de Cassimiro (2021), essa seção analisará as características fundamentais do populismo, com base na obra de Mudde (2004), explorando suas implicações e contradições no contexto político contemporâneo. Buscando focar nas características fundamentais, Mudde (2004) propõe uma definição centrada em um aspecto que considera essencial: o populismo é uma ideologia que vê a sociedade dividida entre dois grupos homogêneos e antagonistas – o ‘povo puro’ e a ‘elite corrupta’. Segundo ele, o populismo defende que a política deve expressar diretamente a vontade popular, ou ‘volonté générale’. Esse antagonismo entre povo e elite coloca o populismo em contraste com o elitismo, que valoriza a liderança da elite e acredita que ela possui uma moralidade superior em relação ao povo, e com o pluralismo, que vê a sociedade como composta por grupos diversos com interesses variados.

Resta a questão do que seria o fenômeno, se seria uma síndrome, movimento político ou ideologia. O autor defende que é uma ideologia que se destaca das demais por ser flexível. Nesse sentido, o populismo não possui uma estrutura ideológica robusta como o socialismo ou o liberalismo. Em vez disso, ele é uma “ideologia de centro fino”, com um núcleo moralista e maniqueísta, o que permite que ele se combine com ideologias mais amplas, como o nacionalismo, o socialismo ou o ecologismo. Nesse sentido, o populismo é adaptável, capaz de absorver temas e narrativas de outras ideologias e integrá-los ao seu discurso central (Mudde, 2004).

Além disso, Mudde (2004) observa que o populismo tende a ser moralista, mais do que programático. Esse fenômeno se preocupa com o aspecto normativo da divisão entre o povo e a elite, em vez de se focar em diferenças empíricas ou em políticas específicas. Esse aspecto moralista permite que o populismo funcione de maneira binária: os oponentes são descritos como essencialmente “corruptos” ou “mal-intencionados”, deixando pouco espaço para mediação, aproximação ou empatia. Logo, a visão populista cria através do moralismo uma visão dividida em dois grupos, com o povo em posição de opressão ou silenciamento pela elite corrupta.

É importante compreender os núcleos dessa relação maniqueísta, Mudde (2004) discute o uso do termo “povo” pelos populistas e sua função como uma ferramenta retórica. Para os populistas, o “povo” representa uma comunidade imaginada, muitas vezes vaga e idealizada. O autor indica que o

teórico Paul Taggart introduz o conceito de “Heartland” para descrever essa ideia: uma “comunidade virtuosa” e “unificada” que simboliza o público ao qual os populistas se dirigem. Esse “Heartland” é retratado como um grupo homogêneo que compartilha valores tradicionais, criando uma dicotomia forte entre o povo e os “outros”, geralmente representados pela elite ou minorias que os populistas consideram corruptas ou ameaçadoras. Assim, o termo “povo” se torna um conceito poderoso para mobilizar a população, embora vazio, e serve para enfatizar os valores e sentimentos daqueles que os populistas dizem representar.

Igualmente relevante é observar como o populismo se relaciona com a elite corrupta, que é colocada na posição de inimiga. Como a definição de povo, a definição de “elite corrupta” é flexível e permite rotular diferentes atores na classificação, normalmente atacando aqueles que estão no poder, mas não atendem a vontade do povo. O populismo moderno frequentemente critica os partidos políticos, argumentando que eles corrompem a ligação direta entre o líder e o povo. Populistas são muitas vezes reformistas, e não revolucionários: ao invés de rejeitar completamente o sistema político, eles defendem a criação de um novo tipo de partido que represente genuinamente os interesses do povo, em oposição aos partidos tradicionais que, segundo eles, servem aos interesses da elite.

Mudde (2004) diferencia o populismo de movimentos emancipatórios, como o socialismo, ao afirmar que os populistas não pretendem “educar” o povo ou transformá-lo pessoalmente. Em vez disso, eles enfatizam a opressão sofrida pelo povo, aumentando a consciência pública sobre as desigualdades do sistema político sem propor uma mudança comportamental ou intelectual. O objetivo é mudar o status do povo dentro do sistema, não necessariamente suas crenças ou valores. Embora o populismo seja muitas vezes associado a uma oposição à tecnocracia, Mudde (2004) aponta que isso não é totalmente verdade. Alguns movimentos populistas, como o Social Credit no Canadá, defendem regimes tecnocráticos. Para os populistas, o que importa é que os tecnocratas implementem a vontade do povo, sem que suas opiniões interfiram no desejo popular. O populismo contemporâneo, como no caso de Silvio Berlusconi na Itália, explora essa desconfiança generalizada nos políticos tradicionais, mas confia nos especialistas para implementar políticas de acordo com os interesses populares.

Mudde (2004) identifica diversos fatores que promovem o ‘zeitgeist’ (espírito do tempo) populista, remetendo a ascensão de populistas na Europa, incluindo a corrupção das elites e a alienação da classe política. Ele destaca a cartelização dos partidos nas democracias ocidentais, onde o financiamento público dos partidos e a monopolização das atividades políticas criam uma distância entre políticos e eleitores. Além disso, a convergência sociológica dos políticos, geralmente provenientes de classes médias com visões políticas moderadas, contribui para a percepção de uma elite homogênea e desconectada.

Outro fator é a mudança no papel da mídia, que se tornou independente dos partidos e mais comercializada, com ênfase em narrativas sensacionalistas. Esse cenário cria um ambiente favorável para o discurso populista, que ganha audiência ao destacar escândalos e críticas às elites. Mudde (2004) observa que essa combinação de fatores torna o público mais receptivo a discursos populistas e, ao mesmo tempo, aumenta a mobilização cognitiva, onde cidadãos se sentem mais capacitados a julgar e criticar os políticos. Ao longo do tempo, os populistas além de se utilizarem dos eventos divulgado pela mídia para denunciar o estado de opressão do povo, quando é conveniente,

também colocam a mídia no papel de elite corrupta.

Além disso, a globalização surge como um problema central para os populistas, que argumentam que ela limita a soberania nacional e reduz a capacidade de decisão dos governos. A partir dos anos 1990, os efeitos econômicos negativos atribuídos à globalização tornaram-se temas de campanha populista, enquanto políticos tradicionais tendem a ver a globalização como uma força inevitável. Essa divergência abre espaço para que o populismo critique diretamente a primazia das instituições globais. Assim, líderes populistas conseguem culpabilizar atores para além das suas fronteiras, especialmente no caso de instituições internacionais, o inimigo se torna uma ameaça distante, mas poderosa em influenciar o estado que o povo se encontra.

O populismo frequentemente desafia as normas das democracias liberais, especialmente quando limitações institucionais impedem a implementação da “vontade do povo”. Líderes populistas podem propor uma forma de democracia mais direta, em que referendos e plebiscitos permitem a decisão popular. Contudo, Mudde (2004) argumenta que os eleitores populistas não apoiam amplamente a democracia participativa contínua, preferindo uma política focada em resultados (output) mais do que em processos (input). Eles querem um governo responsivo que resolva seus problemas, sem a necessidade de engajamento constante. Essa abordagem orientada para resultados leva os populistas a rejeitar limitações e verificações democráticas, como o controle de instituições, alegando que essas estruturas são obstáculos ao cumprimento da vontade popular. Para alguns, mecanismos como referendos e consultas populares podem ser ferramentas diretas aplicadas para ultrapassar o poder das elites.

A rejeição do controle das instituições foi visto no Brasil, durante o mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro que alegava que as instituições como o poder judiciário ou instituições da área da saúde, ou não permitia que o seu governo implementasse a vontade do povo, como exemplo, podemos citar sua intenção em não estabelecer o isolamento social no contexto de pandemia da COVID-19 que ia contra a regras do Sistema de Saúde (SUS) sobre medida sanitária preventiva que é caracterizada quando se desrespeita determinação do poder público destinada a impedir introdução ou propagação de doença contagiosa. As elites políticas e a academia responderam ao populismo de várias maneiras, incluindo propostas de “mais democracia” ou de “democracia real”, através de modelos deliberativos ou digitais. Mudde (2004) observa uma esquizofrenia nas democracias ocidentais, onde o sistema político alterna entre tentativas de abertura e democratização e a cartelização dos partidos. Essas iniciativas refletem o esforço das elites para conter o populismo, sem, no entanto, resolver as demandas subjacentes dos eleitores populistas.

Mudde (2004) conclui que o populismo reflete uma resposta popular à desconexão entre a elite política e o eleitorado, exacerbada pela mídia e pela globalização. Em vez de representar uma crise democrática temporária, o populismo é uma reação a um sistema em que as percepções de corrupção e ineficácia das elites são mais importantes que os fatos. Esse zeitgeist populista coloca uma pressão crescente nas democracias liberais, que precisam reconsiderar sua estrutura institucional e sua representatividade para conter o crescimento do populismo.

2.2. POPULISMO COMO DISCURSO

Cassimiro (2021), sob outro aspecto, aponta que Benjamin Moffitt (2016), argumenta que o populismo pode ser compreendido como um estilo político que abrange aspectos retóricos, estéticos e simbólicos. O autor rejeita a ideia de achar uma espécie de categoria única e universal do termo. Desse modo, ele traz os estudos sobre o populismo para uma observação empírica. O argumento a favor dessa visão parece que nasceu justamente das dificuldades apontadas para definir o populismo. Isso porque se por um lado a literatura não consegue definir o que é o populismo, por outro, é possível apontar quem é ou não é populista, observando seus comportamentos discursivos, comportamentais, entre outros, no mundo real.

Aslanidis (2016) surge como fio condutor do questionamento sobre o que é o populismo. Para o autor, conceituações como a de Laclau - principal inspiração para seu trabalho e pioneiro dos estudos sobre populismo - merecem ser revisitadas e servem de base para sua definição: Aslanidis se contrapõe à tese de Mudde que observa considera o populismo uma ideologia de traço fino por considerar que o fenômeno é melhor observado quando são considerados seus elementos discursivos que se apoiam em retóricas semelhantes, mas em contextos amplos nitidamente distintos, fugindo, assim, de uma sólida matriz ideológica.

O artigo permitiu assim suscitar alguns debates como: De que maneira, elementos discursivos do populismo são percebidos em políticos de espectro distinto ao redor do mundo e o quão ideológico isto pode ser considerado? Além disto, Aslanidis assim como outros autores como Ostiguy e Weyland enxerga na construção de relações entre o seguidor e o líder populista como decorrência de mecanismos de vínculo, conexão e identificação que surgem de estratégias de comunicação política bem-sucedidas do político populista.

Assim, o enfoque no estudo da estrutura narrativa como mecanismo de conexão entre líder e seguidor e a ausência da solidez tipicamente relacionada às ideologias é o que sintetiza a visão de Aslanidis que não rejeita as contribuições e conceituações divergentes - especialmente no que se trata da abordagem ideacional de Mudde - mas desenvolve e aplica uma metodologia de análise discursiva que busca comprovar o populismo como um fenômeno mais versátil e caracterizado por elementos discursivos do que uma ideologia. O debate desenvolvido por Aslanidis pode ser compreendido como uma tentativa de se contrapor a consensos e visões predominantes na literatura sobre populismo. Ao propor a noção de que populismo não é uma ideologia, o autor não refuta completamente as ponderações e conceituações de autores da abordagem ideacional, como Cas Mudde, mas enfatiza que o populismo não detém a solidez e a densidade que caracteriza as ideologias clássicas do debate político-econômico e social, como o liberalismo e o socialismo.

Além disto, Aslanidis detém atenção às falácias e limitações do debate acadêmico que elabora e contesta definições acerca das manifestações de fenômenos políticos como o populismo, esta preocupação fica evidente quando o autor ressalta que o espectro político do pesquisador, muitas vezes, limita o debate sobre populismo a um jogo de ataques e oposições que não se aprofunda metodologicamente.

A esta preocupação, junta-se a crítica do autor à negligência à forma do fenômeno do populismo que é persistente nas análises que o classificam como ideologia, tendo como enfoque o

conteúdo, mas sem entender de maneira concisa e sistematizada suas variações e limitações - argumento este que fundamenta a defesa do autor de que o populismo é um enquadramento discursivo, e não uma ideologia tênue. A argumentação do autor é construída de maneira que a abordagem ideacional não é totalmente invalidada por ter características que levam em conta o papel do discurso político na ação populista, contudo, as dinâmicas relativas à forma e ao conteúdo são categorias priorizadas por Aslanidis e que, segundo este mesmo autor, não recebem a devida atenção de outros pesquisadores de populismo, especialmente daqueles que concebem o fenômeno populista como uma ideologia.

O argumento de Aslanidis, embora não invalide a abordagem ideacional e nem proponha uma concepção inédita acerca do fenômeno populista, traz elementos que remontam conceituações realizadas por autores como Ernesto Laclau que analisam o discurso - assim como o político populista de maneira geral - a partir de uma perspectiva que prioriza aspectos ontológicos e narrativos. Além disto, ao enfatizar o discurso como o elemento central e condutor do fenômeno populista, Aslanidis (2016) ressalta que as análises devem considerar fatores externos à ação do líder populista que podem explicar o sucesso e a boa recepção de seu discurso em contextos geográficos, históricos e sociais distintos.

Acerca disto, o texto de Aslanidis defende que a resposta sobre o populismo ser ou não uma ideologia pode ser construída e evidenciada a partir de análises que combine técnicas de diferentes naturezas e permitam, assim, entender de maneira aprofundada elementos comportamentais e estratégicos que apontem a presença de narrativas discursivas na atuação de líderes populistas. Estes elementos permitem recuperar e convergir diferentes abordagens do populismo que compreendem as relações que explicam o sucesso eleitoral dos populistas, sendo este um ponto no qual a abordagem ideacional de Cas Mudde é vista como positiva por Aslanidis. Contudo, para o autor, o populismo compreendido como estrutura discursiva permite melhor visualizá-lo em suas diferentes manifestações que se inserem em aspectos distintos podendo, inclusive, estar associado à políticos de espectros políticos radicalmente opostos - valendo recuperar, por exemplo, o histórico do populismo de esquerda manifestado na América Latina durante grande parte do século XX que guarda semelhanças fenomenológicas e padrões identificáveis no populismo reacionário de extrema direita do século XXI.

Desta maneira, Aslanidis (2016) rejeita maniqueísmos e dualidades e defende a identificação de diferentes graus de populismo que podem estar presentes e, por consequência, ser medidos em discursos de diferentes políticos sem que isto configure, necessariamente, sua posição ideológica primordialmente. Esta medição, conforme defendida e exemplificada pelo autor, pode ser realizada a partir da análise de dados textuais de discursos e manifestações políticas que permitem encontrar elementos e enquadramentos típicos do discurso populista como o discurso anti elite e anti establishment além da aproximação do político com o povo rejeitando a postura tradicional da classe política.

Desta maneira, o enquadramento discursivo como maneira de compreender o populismo é utilizado por Aslanidis e outros autores como uma ferramenta de análise que visa compreender melhor as variações do fenômeno evitando, assim, dicotomias e imprecisões. Aslanidis (2019) afirma que são notáveis as diferenças ideológicas entre diferentes líderes populistas como Silvio Berlusconi

na Itália, Donald Trump nos Estados Unidos e Hugo Chávez na Venezuela. Este comentário, pertencente a uma entrevista dada por Aslanidis ao Jornal The Guardian da Inglaterra, serve como síntese do que é defendido pelo autor: elementos comportamentais, textuais e sociológicos da postura de líderes populistas não compõem uma ideologia consistente e amparada por um arcabouço de traços e norteamientos unívocos e centrais.

Tal como mencionado por Aslanidis e perceptível em casos por ele citado, mas, principalmente, por casos mais recentes, como a gestão de Jair Bolsonaro no Brasil (2019-2022) e Javier Milei (2023-atualmente) o discurso populista está presente em contextos políticos, geográficos e sociais distintos nos quais bases de ideologias robustas como Socialismo e Liberalismo servem de base para um discurso de insatisfação para com as elites e o establishment e valorização do povo que são nucleares e inerentes ao discurso populista.

2.3. OUTRAS FORMAS DE COMPREENSÃO

Outro olhar trazido por Cassimiro é a análise do populismo como representação. Ele traz perspectivas de autores, que apontam características paradoxais que servem de reflexão sobre o funcionamento da democracia. No Brasil, por exemplo, o então presidente Jair Bolsonaro se utilizou do seu cargo representativo para atacar as instituições. Esse e outros casos podem levar questões sobre a compatibilidade do discurso populista com a democracia.

Há brechas para um debate interessante, pois a partir de certo ponto de vista há apelos ao povo que podem ser ferramentas que fortaleçam a democracia. Assim como se observa na literatura, em especial o de Benjamin Arditi (2007), há bons argumentos para afirmar que o populismo como uma forma representativa pode ser compatível com a democracia, desde que atue dentro dos limites institucionais e não busque a subversão da estrutura democrática existente.

Um outro argumento usado pode ser interessante para analisar a realidade brasileira é o potencial do populismo de causar perturbação no processo político democrático. Ainda que o autor sugira aplicar esse aspecto apenas nos casos dos populistas democráticos, essa perturbação, no caso brasileiro, serviu para que as instituições, em defesa da democracia, moldassem instrumentos institucionais para se fortalecer diante de atores antidemocráticos - ainda que permaneça contradições sociais e políticas. Mas o ponto é que foi possível, a partir - e após - o governo Bolsonaro, introduzir novas abordagens e perspectivas no cenário político. Essa capacidade de perturbar e renovar o processo político, nesse caso, serviu como uma forma de dinamismo e resposta às demandas e insatisfações populares dentro do contexto democrático.

3. CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo realizar uma revisão da literatura sobre o populismo, com o foco especial na construção do conceito ao longo do debate teórico.

Cassimiro, Mudde e Aslanidis abordam e evidenciam as variações e a amplitude da discussão acerca das definições e enquadramentos possíveis do fenômeno populista, a partir das ponderações e conceituações dos três autores, os dissensos e divergências em torno do populismo remontam um processo histórico de busca pela compreensão das manifestações do populismo de maneira coeren-

te e, principalmente, conectada com a complexidade e diversidade de fatores e elementos que são observáveis ao longo da história em diferentes cenários. A compreensão do populismo depreende observar as discussões presentes na literatura e como as diferentes abordagens se adequam de maneira mais ampla ou limitada às conjunturas observadas e analisadas.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASLANIDIS, Paris. Is populism an ideology? A refutation and a new perspective. **Political Studies**, v. 64, n. 1_suppl, p. 88-104, 2016.

CASSIMIRO, Paulo Henrique Paschoeto. Os usos do conceito de populismo no debate contemporâneo e suas implicações sobre a interpretação da democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 35, p.e242084, 2021.

MUDDE, Cas. The populist zeitgeist. **Government and Opposition**, v. 39, n. 4, p. 541-563, 2004.

MOFFITT, Benjamin. The performative turn in the comparative study of populism. **Political Studies**, v. 41, n. 1, p. 3-23, 2016

VARIEDADES DE POPULISMO: OS CASOS CONTEMPORÂNEOS DE TRUMP, BOLSONARO e MILEI

Dominique Ferreira Lepinsk Romio Silva(1)

Maria Clara de Queiroz Machado(2)

Ramon de Oliveira Gomes(3)

RESUMO: Populismo é um conceito em disputa dentro do universo acadêmico. As fronteiras do fenômeno são constantemente realocadas, com o objetivo de abarcar no mesmo conceito diversos políticos, que estão distantes no espectro ideológico. Este artigo busca recapitular diferentes formas em que o conceito de populismo foi utilizado ao longo do século XX e começo do século XXI, a fim de entender as particularidades históricas, que distinguem cada uma das fases. É apresentada a variedade mais contemporânea do populismo, o populismo reacionário, suas características e especificidades. Para exemplificar, são analisados três governos que se encaixam dentro dessa nova categoria: Donald Trump (2017-2020), Jair Bolsonaro (2019-2022) e Javier Milei (2023-2024). Por fim, são exploradas suas semelhanças discursivas e seu efeito cascata dentro do continente americano.

Palavras-chave: populismo; variedades de populismo; populismo reacionário; Bolsonaro; Trump; Milei.

(1) Graduanda em Ciência Política (UnB)

(2) Graduanda em Ciência Política (UnB)

(3) Mestrando (PPGCP/UnB), Bacharel em Ciência Política e Relações Internacionais (UnB)

INTRODUÇÃO

Há algo surpreendente na progressiva aceitação de líderes populistas de extrema direita nos anos mais recentes (Lynch e Cassimiro, 2022). A convergência de pautas, que hoje se observa em relação a viabilidade desse tipo de fenômeno mais radicalizado, contrasta fortemente com o ceticismo generalizado sobre a expectativa de êxito dos governos e partidos de esquerda há algumas décadas.

De acordo com Lynch e Cassimiro (2022), diversos países apresentam um terreno fértil para o surgimento de líderes populistas reacionários por conta (i) de uma considerável parcela da população que acredita que a classe política é corrupta, (ii) do desejo de resolver a corrupção de forma rigorosa e simplista (iii) e de uma presença significativa de imigrantes. Donald Trump, Jair Bolsonaro e Javier Milei são, talvez, os casos mais notáveis da atualidade, visto que gabaritam todos os critérios (Lynch e Cassimiro, 2022).

Mobilizando a literatura, este artigo pretende abordar o tema da variedade de populismo no continente americano e analisar os casos mais recentes. Trata-se de apresentar as variedades empíricas do populismo, em especial o populismo de extrema direita que assumiu considerável impor-

tância ao longo da última década. Os casos analisados serão: Donald Trump nos Estados Unidos da América (EUA), Jair Bolsonaro no Brasil e Javier Milei na Argentina. Além disso, é importante ressaltar que não há uma única definição conceitual do fenômeno populismo, uma vez que as suas noções não são estáticas e ainda estão em disputa (Lynch e Cassimiro, 2022).

PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS DO POPULISMO NA AMÉRICA

O populismo é um fenômeno complexo e multifacetado que se adapta a diversas formas no tempo e espaço. É um discurso que, inclusive, pode ser observado em todos os níveis do espectro ideológico da política. De acordo com De La Torre (2017), a América Latina é uma região geográfica propensa à proliferação de líderes populistas, tendo experienciado os três subtipos do populismo que ele categoriza em seu texto como: clássico, neoliberal e radical. Segundo o autor, essa região possui uma alta propensão para o surgimento de líderes populistas, devido a uma crise na representação política pela fragilidade institucional, gerada por falhas estruturais nos sistemas partidários e eleitorais (De La Torre, 2017).

Essa propensão sobre a oferta e demanda por líderes populistas na América Latina é parte de uma preocupação mais ampla de fatores socioeconômicos e políticos. Isso inclui a desigualdade econômica, corrupção, injustiça social e, principalmente, a insatisfação geral com o *status quo* (Mudde, 2004; Luna e Rovira-Kaltwasser, 2014). Dessa forma, a oferta e a demanda por líderes populistas na América Latina estão interligadas: os políticos oferecem soluções radicais e simplistas para problemas complexos e encontram apoio entre parte da população insatisfeita com o *establishment* político e econômico, criando um ciclo vicioso de oferta e demanda que justifica o crescimento do populismo na região (De La Torre, 2017).

No entanto, apesar da análise de De La Torre (2017) ter contribuído significativamente para o debate, seu texto não consegue contemplar de forma abrangente as experiências populistas das últimas décadas. As categorias de populismo neoliberal e radical, apesar de compartilharem algumas semelhanças com os novos líderes populistas da extrema direita, ainda carecem de uma contextualização mais adequada e contemporânea. Essa noção será expressa a partir dos exemplos dos presidentes Donald Trump, Javier Milei e o ex-presidente Jair Bolsonaro.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO CONCEITO

O conceito de populismo, além de ser polissêmico, é polimórfico, uma vez que, a depender do contexto inserido, ele se modifica e o seu significado é disputado por diferentes grupos de interesse. Desse modo, para estipular uma linha de raciocínio, será utilizado o significado dado pelo sociólogo, especialista em populismo na América Latina, Carlos de La Torre (2017), que entende o populismo como um discurso maniqueísta que divide a política e a sociedade como a luta entre dois campos irreconciliáveis e antagônicos - o povo probo e a elite dominante. Assim, entende-se elite como o grupo corrupto e dominador que tem como objetivo lesar a soberania popular, alienando o povo puro e honesto de seus direitos (Aslanidis, 2016).

Tendo em vista os diversos contextos e cenários onde o populismo se instaurou, é perceptível que os líderes populistas, ao almejarem o poder político, frequentemente se mostram propensos a desafiar os princípios e instituições fundamentais da democracia liberal assim que ascendem ao

poder (Lynch e Cassimiro, 2022). Esta tendência é caracterizada pela sua disposição em confrontar as estruturas democráticas estabelecidas, com o intuito de consolidar sua autoridade, restringir a autonomia dos movimentos sociais, da sociedade civil e desafiar a independência da imprensa privada (De La Torre, 2017). Ao implementarem uma abordagem populista, tais líderes arquitetam identidades coletivas vigorosas entre as massas, estabelecendo uma dinâmica de mobilização hierarquizada que, frequentemente, entra em contradição com as demandas autônomas e diversificadas das organizações que compõem os movimentos sociais (De La Torre, 2017).

O período do populismo clássico predominou entre as décadas de 1930 e 1940 na América Latina, e foi marcado por uma série de fenômenos políticos e sociais que ecoam até hoje. Neste contexto, figuras proeminentes como Juan e Eva Perón (Argentina), Getúlio Vargas (Brasil), Lázaro Cárdenas (México), Victor Raúl Haya de la Torre (Peru) e José María Velasco Ibarra (Equador) emergiram como líderes carismáticos que capitalizaram a insatisfação popular com as elites estrangeiras e as estruturas oligárquicas (De La Torre, 2017).

O desenrolar da primeira onda do populismo no continente americano fundamentava-se na exaltação das massas como a personificação dos valores e tradições nacionais autênticos em contraposição às elites estrangeiras. Desse modo, por meio de comícios e manifestações de massa, os líderes políticos buscavam conferir um sentido de inclusão e dignidade aos segmentos marginalizados da sociedade, enquanto expandiam o direito de voto para consolidar sua base de apoio. Assim, uma das características marcantes desse tipo de populismo foi sua relação ambivalente com os princípios da democracia liberal (De La Torre, 2017). Por um lado, houve uma democratização gradual à medida que grupos historicamente excluídos eram integrados ao sistema político. Por outro, os líderes populistas desconsideravam frequentemente as restrições constitucionais liberais que limitavam o poder do Estado e garantiam a autonomia da sociedade civil, optando por uma abordagem mais autoritária.

O surgimento do populismo clássico na América Latina foi fortemente influenciado pela crise das estruturas oligárquicas, combinando constituições liberais com práticas patrimoniais em sociedades predominantemente rurais. Ademais, o processo de urbanização e industrialização contribuiu para a ascensão de líderes populistas, que buscavam políticas nacionalistas e redistributivas para enfrentar as crescentes demandas por justiça social (Di Tella, 1997). Assim, o legado do populismo clássico é complexo, marcado por uma mistura de inclusão social e autoritarismo político. Dessa forma, embora tenha contribuído para a ampliação da participação política e o reconhecimento dos direitos dos grupos marginalizados, também levantou questões profundas sobre a sustentabilidade da democracia em sociedades marcadas pela polarização e pela concentração de poder (De La Torre, 2017).

O fenômeno do populismo neoliberal, que emergiu na década de 1990 em nações onde o direito ao voto já era amplamente difundido e os cidadãos estavam organizados por partidos políticos, apresentou uma abordagem distinta em relação ao populismo clássico. Liderado por figuras como Carlos Menem, na Argentina, Alberto Fujimori, no Peru, e Fernando Collor, no Brasil (De La Torre, 2017). Outrossim, o populismo neoliberal teve em vista responsabilizar os políticos tradicionais pela crise econômica, retratando-os como oligarquias que haviam usurpado ilegalmente a soberania popular; uma de suas características era a tentativa de fragmentar as estruturas tradicionais de classe, renovando as elites econômicas e promovendo a ascensão de empresários sem

reconhecimento social.

Além disso, essas figuras adotaram políticas que abandonaram o nacionalismo em favor da integração econômica global, redução do papel do Estado na prestação de serviços públicos, promovendo políticas de desregulamentação e privatização; esses líderes abandonaram as políticas estadistas de seus predecessores. No entanto, o populismo neoliberal não foi uniforme em sua aplicação ou impacto, enquanto alguns líderes, - como Fujimori - obtiveram sucesso no exercício e na manutenção do poder, outros enfrentaram desafios significativos, como o impeachment do Collor no Brasil.

O surgimento do populismo radical no início do século XXI na América Latina foi marcado por uma alta rejeição às políticas neoliberais e à hegemonia das elites políticas. Liderados por figuras como Evo Morales, na Bolívia, Rafael Correa, no Equador, Hugo Chávez e posteriormente Nicolás Maduro na Venezuela, esses líderes buscaram remodelar o panorama político, econômico e social da região (De La Torre, 2017).

Uma das principais características dessa onda do populismo foi sua constante crítica às elites locais e estrangeiras que implementavam políticas neoliberais que exacerbavam a desigualdade social na região. Os líderes populistas radicais prometeram acabar com a influência dessas elites e devolver a soberania nacional, que consideravam entregue a instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e o governo norte-americano. Assim, esses líderes adotaram posturas de antiglobalização e anti-Estados Unidos em sua retórica e estratégias de política externa, buscando restabelecer o interesse do Estado-nação e construir um mundo multipolar (De La Torre, 2017).

No âmbito interno, esses políticos defenderam a intervenção do Estado na economia para redistribuir a riqueza e reduzir a pobreza e a desigualdade, implementando programas sociais para atingir rapidamente os pobres e aumentar sua popularidade. No entanto, esses programas sociais muitas vezes careciam de eficiência, transparência e institucionalização, sendo politizados e ligados à personalidade do presidente, o que os tornava vulneráveis às mudanças políticas e à rotatividade eleitoral.

Durante a década de 2010, uma corrente política foi desenvolvida ao redor do mundo, que elevou aos cargos de maior *status* na burocracia, políticos e *outsiders* – figuras estrangeiras do meio político, que ascendem ao poder sem histórico na área (Lynch e Cassimiro, 2022) -, com ideologias moralmente conservadoras e atitudes populistas. Dessa forma, na tentativa de continuar as classificações, o populismo radical não parece a melhor alternativa para denominar o período mais recente da política, muito menos as categorias clássicas ou neoliberais de De La Torre (2017). Portanto, essa nova onda será referida como populismo reacionário - termo popularizado pelos autores Christian Lynch e Paulo Henrique Cassimiro, na obra “O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo” (2022), que atingiu diferentes nações e continentes.

Lynch e Cassimiro (2022) apresentam o cerne do surgimento dessa nova categoria. A conjuntura ideal foi construída a partir de fatores como a insatisfação popular, a desmoralização do sistema político, e a ressurgência do conservadorismo na política - devido aos escândalos de corrupção, que forjou a ideia de necessidade de um único e verdadeiro representante do povo. Sendo assim, essa categoria abrange *outsiders* políticos que ressuscitam alguns princípios da vertente neoliberal, an-

tagonizam a tradicional classe política, dão ênfase ao nacionalismo e à utopia regressiva. Portanto, líderes como Trump, Bolsonaro e Milei aproximam-se da categoria reacionária (Lynch e Cassimiro, 2022), uma vez que os significativos vazios de povo e elite são preenchidos de acordo com essa nova categoria.

DA CAMPANHA À ASCENSÃO DE DONALD TRUMP

O presidente estadunidense Donald Trump e sua retórica podem ser analisadas como perfeitos exemplos da construção de um mandato populista reacionário. A campanha eleitoral de Trump, em 2016, foi analisada por Oliver e Rahn (2016) como um exemplo impecável de um momento populista. O momento populista não é apenas o uso da retórica, mas sua projeção em uma brecha temporal positiva para um líder apresentar seu discurso a uma gama de eleitores abertos à sua perspectiva; permitindo que a performance populista garanta a sua eleição.

Donald Trump pontua altamente em todas as premissas básicas da categoria – o neoliberalismo econômico, o conservadorismo social e o discurso agressivo, porém saudosista. No que tange o uso de um momento propício, as crises econômicas constroem o terreno ideal para o desabrochar da narrativa populista (De La Torre, 2017). Nesse contexto, Oliver e Rahn (2016) apontam que, para a ascensão de Donald Trump, nenhum fator foi tão proeminente para sua aceitação e crescimento político quanto a existência de uma crise de representação¹.

Essa perspectiva é corroborada por autores como Brown (2019) que explora a ideia de que o cenário político contemporâneo é marcado por uma busca por líderes neoliberais conservadores; antes de Trump, no Partido Republicano não havia uma figura que suprisse essa demanda. A partição tradicionalmente composta, em sua maioria, por um perfil branco, agrícola e de classe média (Oliver e Rahn, 2016) impulsionada pela vontade de expressão de seus valores - que não tinham evasão no cenário político - viu Trump como uma aposta e um recurso. Esse coletivo tornou-se a Pátria Amada² de Trump.

Nesse viés, Trump aperfeiçoou sua performance, com o objetivo de apelar diretamente para essa coletividade que já criava aversão à maneira que a política estava sendo desenvolvida. O plano político de Trump passou a pautar de forma sistemática as preocupações dessa classe. A taxa de desemprego, por exemplo, era uma preocupação central, logo, Trump agregou a ela o peso e o perigo da imigração - sua campanha popularizou-se com a promessa de um muro na fronteira com o México, que solucionaria essa problemática. Segundo Lynch e Cassimiro (2022), sua campanha foi construída sob noções nacionalistas, xenofóbicas, conspiracionistas e conservadoras, apenas refletindo as crenças da pátria amada quanto a decadência da “boa e velha América”³.

A delimitação da pátria amada e seus rivais gera, consequentemente, a criação de uma men-

¹Tradução livre de *Representation gap*; consultar Oliver e Rahn (2016).

²Tradução livre de *Heartland*, refere-se ao grupo diretamente vinculado ao líder populista; consultar Mudde (2004).

³ Frase faz referência ao slogan de campanha de Donald Trump “*Make America Great Again*”.

talidade dicotômica. Trump, a partir desse ponto, constrói seu perfil, não apenas representante dos bons cidadãos americanos, como parte do povo puro (Mudde, 2004). Essa perspectiva é apoiada por uma gama de fatores; como o posicionamento do presidente, tal qual um *outsider* político - distanciando-se dos políticos estabelecidos. Estratégias de comunicação através das redes sociais e uso de notícias falsas antagonizaram a imprensa liberal e os intelectuais progressistas; reforçado com o uso da linguagem de 'nós' *versus* 'eles'. Ademais, outro fator que o aproxima com o eleitorado é a linguagem utilizada em seus discursos; sua fala é direta, de sintaxe simples e vocabulário popular – muito próxima da fala de um cidadão do povo (Oliver e Rahn, 2016).

De modo geral, diversas ideias que são vinculadas em suas falas retomam a crise social e a decadência dos valores tradicionais, que assolam a pátria e são constantemente ignoradas pelas elites em controle (Oliver e Rahn, 2016). Nesse processo, o líder constrói um grupo interno homogêneo e disposto a se mobilizar em nome dessa causa, que almeja o retorno daquelas ou daquilo que consideram como boas morais, luta pela liberdade irrestrita e pela soberania do povo.

Essa performance não é limitada pela estabilidade do sistema político em vigor (De La Torre, 2017). Os EUA não adentram a categoria de país em desenvolvimento - que De La Torre (2017) acredita ser o âmbito central de eclosão de populistas - e mesmo com uma constituição e um sistema institucional centenário, o grande representante da democracia liberal ocidental foi palco de um ideal líder populista. Trump não apenas ascendeu ao poder, mas desenvolveu um modelo demagógico populista reacionário. Esse modelo foi replicado no Brasil por Bolsonaro e na Argentina por Milei, que adotaram a mesma "guerra cultural" (Lynch e Cassimiro, 2022) como meio de desmoralizar o prestígio das elites políticas e culturais. Promovendo, assim, a confusão, a dissonância cognitiva e a inversão informacional (Castro Rocha, 2023).

No que verte a ideia de radicalismos da extrema direita, entende-se que Donald Trump inaugurou a categoria do populismo reacionário e expandiu exponencialmente o alcance da retórica. Lynch e Cassimiro (2022) exploram a maneira que o atentado de 6 de janeiro de 2021, em que apoiadores de Trump invadiram o Capitólio, acrescentou a modalidade "golpe de estado" às características do populismo reacionário. Nesse âmbito, a violência é utilizada como uma ferramenta para o ressuscitar da democracia e da liberdade individual, enterradas sob instituições corruptas. Portanto, compreende-se que a visão de De La Torre (2017) não previa a ampla aderência e projeção que o populismo reacionário viria a atingir.

RESPOSTA POPULISTA DE JAIR BOLSONARO À PANDEMIA DE COVID-19

Desde o momento em que a gravidade da Covid-19 foi reconhecida, a resposta à pandemia variou consideravelmente entre os diferentes governos. Em alguns casos, líderes populistas minimizaram a gravidade do vírus, desconsiderando as medidas básicas de segurança e adotando posturas negacionistas. O ex-presidente Jair Bolsonaro recorreu a discursos tipicamente populistas para disseminar sua posição contra as instituições democráticas, e influenciar na opinião pública, intensificando a polarização política e a guerra cultural e seus impactos na população brasileira (Rennó; Avritzer; Carvalho, 2021). Dessa forma, as respostas de Bolsonaro à pandemia foram apoiadas por uma minoria expressiva que compartilhavam suas posições negacionistas (Rennó; Avritzer; Carvalho, 2021). Entretanto, os autores apontam que esse apoio e adesão ao bolsonarismo é influenciado

principalmente pelas percepções de mobilidade social; ou seja, pessoas que ascenderam socioeconomicamente estavam mais propensas a aderir a retórica populista reacionária de Bolsonaro. Por outro lado, aquelas que sofreram mobilidade social descendente tenderam a se afastar dos seus posicionamentos adversos (Rennó; Avritzer; Carvalho, 2021).

Bolsonaro desorganizou a resposta à pandemia de duas maneiras. De forma teórica, Bolsonaro adotou um discurso que minimizava a gravidade do vírus, questionava a necessidade do isolamento social e incentivava o relaxamento das medidas de proteção; objetivando antagonizar a comunidade científica e as instituições de saúde. Na prática, o ex-presidente defendeu a automedicação com o uso de remédios contraindicados, como a cloroquina. Além de dismantelar as coordenações das políticas públicas de saúde, causando uma alta rotatividade no cargo de Ministro da Saúde, além de contestar as restrições aplicadas pelos governadores, que apresentavam políticas alinhadas com a Organização Mundial da Saúde (Rennó; Avritzer; Carvalho, 2021).

A performance populista reacionária de Bolsonaro ficou exposta a partir dessas duas práticas; para seus apoiadores, ele estava agindo pelo “bem maior” (Rennó; Avritzer; Carvalho, 2021). Essa fragilidade crônica caracterizada pela fragmentação política e falta de uma representatividade genuína, possibilitou a ascensão de *outsiders* políticos, como Bolsonaro (Lynch e Cassimiro, 2022). O contexto de crise global da pandemia de Covid-19 foi um fator que maximizou os efeitos práticos da retórica reacionária.

A ASCENSÃO DE JAVIER MILEI NA ARGENTINA

A ascensão de Javier Milei à presidência da Argentina, em 2023, representa um marco na política latino-americana, consolidando a emergência da retórica populista reacionária. Libertário e antissistema, Milei construiu sua carreira política a partir de uma forte presença midiática, marcada por ataques à “casta política” e defesa do livre mercado radical (Pérez-Díaz; Arroyas Langa, 2025). Sua eleição foi diretamente impactada por Donald Trump e Jair Bolsonaro, cujos estilos e estratégias políticas ajudaram a moldar tanto o discurso quanto o imaginário político em que Milei se inseriu (Heinisch *et al.*, 2024).

Milei, assim como Trump, surgiu publicamente na mídia. Ele construiu sua carreira política virtualmente através das redes sociais e das suas participações em *Talk Shows*, onde suas opiniões polêmicas, marcadas pelo nacionalismo econômico e confronto com instituições democráticas ganharam grande visibilidade, em meio a um cenário de agitação política e social, pela forma informal e agressiva que sua fala ficou conhecida (Pérez-Díaz; Arroyas Langa, 2025).

O presidente norte-americano o parabenizou e o encorajou a “tornar a Argentina grande novamente” — uma adaptação direta do slogan trumpista “Make America Great Again”. Essa identificação com Trump reforçou o apelo de Milei entre eleitores desiludidos com o *establishment*, especialmente os jovens, grupo no qual teve forte desempenho. No contexto regional, Jair Bolsonaro serviu como modelo e aliado de Milei, tanto no estilo quanto na retórica *antiestablishment* e no conservadorismo sociocultural (Retamozo, 2025); ambos compartilharam estratégias de comunicação digital agressivas, críticas ao “globalismo”. O antipetismo que impulsionou Bolsonaro foi reproduzido na Argentina como antiperonismo (Retamozo, 2025), e Milei adotou a mesma tática de demonizar adversários como inimigos da liberdade e do progresso.

O apoio de Trump e Bolsonaro, mais do que simbólico, funcionou como uma legitimação internacional do projeto político de Milei, conferindo-lhe peso entre setores da direita global e encorajando alianças regionais. Isso foi particularmente importante em uma campanha marcada pela polarização, pelo colapso da economia argentina e pela fadiga da população com os partidos tradicionais. Ao se apresentar como “o único capaz de destruir o sistema”, Milei encontrou eco em um eleitorado que já havia sido sensibilizado por discursos semelhantes em outros países (Heinisch *et al.*, 2024). Assim, a eleição de Milei pode ser compreendida como parte de uma onda transnacional de líderes populistas de direita, que se utilizam de retórica antissistema, redes de apoio internacionais e ataques sistemáticos às instituições democráticas como forma de galvanizar apoio popular em contextos de crise (Heinisch *et al.*, 2024). De qualquer forma, sua ascensão já provou que, em tempos de desespero, soluções extremas – e líderes disruptivos – podem surgir quando menos se espera.

CONCLUSÃO

A partir do que foi exposto, as três linhas desse fenômeno descritas por De La Torre (2017), não são capazes de descrever os líderes contemporâneos descritos; precisando de uma nova vertente teórica. O desenvolvimento da categoria de populismo reacionário utilizou dos valores ideológicos da extrema-direita neoliberal, para vilanizar discursos progressistas e, a partir dessa dicotomia, expandir seu alcance.

A aparição de líderes, como Donald Trump, Jair Bolsonaro e Javier Milei, reflete essa crescente tendência dos últimos anos que é impulsionada por um cenário de crise socioeconômica e de distanciamento dos cidadãos em relação aos atores políticos tradicionais. Compreende-se, então, que o populismo reacionário aborda uma nova categoria de ‘Elite’, que se trata de uma elite intelectual; visto que parte do apelo dessa nova categoria é o tradicionalismo, o conservadorismo e a descrença em autoridades.

Sendo assim, as consequências são claras: uma escalada na radicalização e no endosso à violência política, a construção de realidades paralelas através da informação com o apoio do conspiracionismo e a infiltração ideológica em áreas chave da administração pública, sobretudo nos ramos judiciário e de segurança (Lynch e Cassimiro, 2022). Tudo isso culmina na contínua descrença dos pilares essenciais da democracia, do funcionamento das instituições e dos poderes estabelecidos no cumprimento de suas responsabilidades. De modo mais conciso, o populismo reacionário (Lynch e Cassimiro, 2022) estreia uma perspectiva mais extremista e radicalizada na aplicação do discurso.

Ademais, não só a bibliografia oferece uma interpretação mais contemporânea do populismo, como a análise de certos caracteres dos governos apresentados permite a compreensão empírica dessa performance. Existem limitações ao trabalho que foi desenvolvido, em vistas do quão recente são determinados eventos e o andamento do governo de Javier Milei e do segundo mandato de Donald Trump. Entretanto, é possível visualizar a maneira que o fenômeno foi posto em prática de modo cascata dentro do continente americano e como essa articulação no âmbito internacional apenas corroborou para a legitimação e promoveu apoio recíproco em relação ao negacionismo e à abordagem autoritária e simplista de governança.

No que vertem futuras abordagens deste tema, existem diversas correlações que podem ser

exploradas. O populismo reacionário firmou raízes nessas sociedades que experienciaram a liderança desses populistas de extrema direita; as heranças desse tipo discursivo em parâmetro subnacional se mantêm sem investigações; e, apesar de Bolsonaro não estar no poder, ainda é perceptível a sua presença nas esferas políticas e sociais (De Azevedo, 2025). Além disso, cabe ser explorada a expansão do fenômeno em outras localidades; como as ferramentas psicossociais implementadas que ajudam na vinculação e aceitação da retórica pelo eleitorado e o modo que isso, não apenas permite a eleição, como garante lealdade de parte significativa da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASLANIDIS, Paris. Is Populism an Ideology? A Refutation and a New Perspective. *Political Studies*, v. 64, n. 1S, p. 88–104, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-9248.12224>

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo*. São Paulo, Editora Politeia, 2019.

CASTRO ROCHA, João Cezar de. *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico: retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 192 p., 2023.

DE AZEVEDO, Daniel A. et al. Crisis of Democracy and Violent Populism: The Invasion of Praça dos Três Poderes on January 8, 2023, in Brazil. *Society*, p. 1-17, 2025.

DE LA TORRE, Carlos. *Populism in Latin America*. Edited by Cristóbal Rovira Kaltwasser et al. Oxford Handbooks Online, Oxford University Press, 6 Nov. 2017.

DI TELLA, Torcuato S. Populism into the twenty-first century. *Government and opposition*, v. 32, n. 2, p. 187-200, 1997.

HEINISCH, Reinhard; GRACIA, Oscar; LAGUNA-TAPIA, Andrés; MURIEL, Claudia. Libertarian populism? Making sense of Javier Milei's political discourse. *Social Sciences*, [S.l.], v. 13, n. 11, p. 599, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/socsci13110599> . Acesso em: 6 maio 2025.

LUNA, J. P.; ROVIRA-KALTWASSER, C. The right in contemporary Latin America: a framework for analysis. In: *The resilience of the Latin American right*. S.l.: s.n., 2014. p.1-22.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. *O populismo reacionário*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

MUDDE, Cas. *The populist Zeitgeist*. Cambridge University Press, 2004.

OLIVER, J. Eric; RAHN, Wendy M. "Rise of the Trumpenvolk." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 667, no. 1, 17 Aug. 2016, pp. 189– 206, <https://doi.org/10.1177/0002716216667001>

PÉREZ-DÍAZ, Pedro Luis; ARROYAS LANGA, Enrique. El populismo disruptivo de Javier Milei: análisis de su estrategia discursiva en redes sociales. *Estudios en Política y Sociedad. Investigación y Reflexión*, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.31637/epsir-2025-2064> . Acesso em: 6 maio 2025.

RENNÓ, L.; AVRITZER, L.; CARVALHO, P. D. de. Entrenching right-wing populism under COVID-19: denialism, social mobility, and government evaluation in Brazil. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 36, p. e247120, 2021.

RETAMOZO, Martín. El populismo antipopulista de Javier Milei: demandas, discurso y política de la derecha radical en Argentina. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, Ciudad de México, v. 70, n. 253, 2025. (Ejemplar dedicado a: Current Trends and Challenges in International Scenarios). ISSN 2448-492X. ISSN-e 0185-1918.

BUSCANDO EXPLICAÇÕES PARA A DEMANDA POR POPULISTAS

Bruna Rodrigues da Costas Santos(1)

Leony Santiago Araújo(2)

Hudson Macedo Nunes Ludgero(3)

RESUMO: Este artigo analisa o fenômeno do populismo na Europa, com foco no questionamento da ideia de uma “explosão populista” como ameaça direta às democracias liberais. Destaca-se que o populismo é multifacetado, moldado por fatores culturais, econômicos e políticos, e mobilizado de maneira estratégica pelas elites políticas. A análise identifica a ideologia conservadora e o sentimento anti-imigração como motores principais do populismo de direita, embora sua relevância varie conforme o contexto nacional. Contrariando explicações que associam o populismo apenas a crises econômicas, argumenta-se que a percepção de ameaça cultural e o abandono por parte das elites cosmopolitas são centrais para sua ascensão. O artigo também ressalta o papel do discurso populista, que captura o sentimento *antiestablishment*, e o da oferta política, que canaliza essas atitudes em apoio eleitoral. Assim, o populismo emerge como um reflexo das tensões sociopolíticas nas democracias contemporâneas, exigindo análises que integrem demanda popular e estratégias de mobilização política.

Palavras-chave: Populismo, partidos, oferta, demanda

(1) *Graduanda em Ciência Política e Bacharel em Relações Internacionais (UnB)*

(2) *Graduando em Ciência Política (UnB)*

(3) *Bacharel em Ciência Política (UnB)*

INTRODUÇÃO: UMA “ONDA” POPULISTA NA EUROPA?

A percepção de uma “crise da democracia” tem se tornado comum tanto na opinião pública quanto entre cientistas políticos, muitas vezes associada a uma “explosão populista” em várias partes do mundo. No entanto, o populismo, embora visto por muitos como intrinsecamente antidemocrático, não é um fenômeno novo nem necessariamente contrário aos valores democráticos. Bartels (2023), em *The Populist Wave*, explora esse paradoxo e argumenta que o populismo, ao contrário do que é comumente entendido, não se traduz automaticamente em uma ameaça direta à democracia.

Embora figuras como Jair Bolsonaro, Hugo Chávez, Narendra Modi e Donald Trump combinem retórica populista com práticas que desafiam normas democráticas, o populismo em si é um fenômeno multifacetado, cujas implicações variam de acordo com o contexto e a maneira como é mobilizado.

Bartels (2023) observa que, desde 2016, a percepção de uma “onda populista” ganhou tração no Ocidente, particularmente em regiões onde o populismo não era esperado, como na Escandinávia e em outras partes da Europa Ocidental. Eventos como o *Brexit*, a eleição de Trump e o surgimento ou fortalecimento de partidos populistas em países como Alemanha, Suécia, Finlândia, Espanha

e Itália criaram a imagem de um avanço populista que ameaçaria as democracias liberais. Contudo, Bartels (2023) desafia essa interpretação ao sugerir que a “onda populista” é mais uma ilusão, gerada por um foco seletivo em eventos específicos, e que a análise do fenômeno requer um exame mais profundo dos fatores que realmente sustentam o populismo de direita.

Ao investigar as raízes do apoio aos partidos populistas de direita na Europa, Bartels (2023) identifica uma série de fatores sociais, econômicos e políticos. Em primeiro lugar, ele menciona a ideologia conservadora e as visões de mundo associadas a ela, que tendem a priorizar valores tradicionais e a preservar a ordem social estabelecida. Esse conservadorismo, especialmente em questões culturais e morais, é um terreno fértil para o populismo, que geralmente se posiciona como defensor dos “valores do povo” contra uma elite cosmopolita e liberal. Além disso, sentimentos anti-imigração, anti-União Europeia e de desconfiança em relação aos parlamentos e aos políticos são aspectos centrais que moldam o apoio ao populismo.

Esses fatores refletem preocupações amplamente difundidas, mas sua importância varia de país para país. Em alguns contextos, a imigração é um tema central, enquanto, em outros, o descontentamento com a União Europeia (UE) ou com as políticas econômicas adotadas pelos governos nacionais assume maior relevância. De modo geral, contudo, a combinação de ideologia conservadora e sentimentos anti-imigração se destaca como o maior impulsionador do apoio aos partidos populistas de direita na Europa.

Para medir o apoio ao populismo, Bartels (2023) utiliza dados do *European Social Survey* (ESS), um levantamento abrangente que investiga atitudes e comportamentos políticos de cidadãos europeus. Ele analisa tanto o comportamento de voto quanto a identificação partidária, o que lhe permite diferenciar entre apoio eleitoral direto e afinidade ideológica com partidos populistas. Nas eleições entre 2014 e 2019, o apoio eleitoral aos partidos populistas variou de 5% a 20%, dependendo do país. Para entender essa variação, o autor (Bartels, 2023) correlaciona os dados das pesquisas com os resultados eleitorais, encontrando uma forte relação, que sugere uma representação precisa das tendências políticas pela pesquisa.

Além do comportamento de voto, Bartels (2023) examina a identificação partidária, questionando os cidadãos sobre se se sentem próximos de algum partido específico. Cerca de metade dos entrevistados indicou afinidade com algum partido político e, dentro desse grupo, a identificação com partidos populistas de direita variou de 5% a 18%. A análise desses dados revela que os fatores mais influentes no apoio eleitoral e na identificação com partidos populistas são ideologia conservadora e sentimento anti-imigração, embora sua relevância varie de acordo com o contexto nacional.

Por exemplo, o sentimento anti-UE é um fator mais significativo em certos países, enquanto em outros é quase irrelevante. Isso sugere que o apoio ao populismo de direita não pode ser explicado por uma única causa, mas sim por uma convergência de motivações que refletem as especificidades culturais, econômicas e políticas de cada país.

Um dos principais argumentos para explicar a ascensão populista é a percepção de que as elites políticas são irresponsivas às demandas dos cidadãos comuns, servindo mais a interesses próprios ou a agendas distantes das necessidades da população. Nos Estados Unidos, essa desconfiança foi evidenciada pela eleição de Trump, que capitalizou sobre a percepção de que os partidos tradicionais falharam em representar os interesses do “americano comum”. No entanto, Bartels (2023) argumenta que, na Europa, essa relação não é tão evidente.

O autor avalia essa hipótese com base em respostas do ESS, que perguntam aos cidadãos

se eles sentem que têm voz no sistema político e se percebem alguma influência na política de seu país. Embora a insatisfação com a responsividade das elites seja alta em muitos países, Bartels (2023) observa que ela não tem uma correlação significativa com o apoio a partidos populistas. Curiosamente, alguns países com sistemas políticos considerados mais responsivos, como Finlândia, Suíça e Países Baixos, ainda apresentam considerável apoio aos partidos populistas de direita. Isso indica que, embora a desconfiança nas elites seja um tema importante, ela não é determinante para o apoio populista na maioria dos contextos europeus.

Contrariando a ideia de uma “explosão” de apoio ao populismo de direita, Bartels (2023) sugere que o sentimento populista de direita na Europa é relativamente estável e, em alguns casos, até declinante ao longo dos anos. Para comprovar essa estabilidade, ele traça o sentimento populista de direita usando sete fatores-chave: ideologia conservadora, visões de mundo conservadoras, sentimento anti-imigração, sentimento anti-UE, desconfiança política, descontentamento com a democracia e insatisfação econômica.

Esses fatores são combinados para medir o sentimento populista de direita em 23 países europeus ao longo de 15 anos, abrangendo mais de 275.000 entrevistados. Com essa análise, Bartels (2023) conclui que o sentimento populista de direita na Europa não aumentou de forma consistente, mesmo durante períodos de crise, como a crise da zona do euro. Em alguns países, como Noruega e Portugal, que foram fortemente impactados pela crise econômica, o sentimento populista até diminuiu. Esse achado questiona a explicação simplista de que o populismo é uma resposta à crise econômica, indicando que outros fatores – como as condições políticas e culturais específicas – têm um papel mais significativo.

Bartels (2023) sugere que o sucesso recente dos partidos populistas de direita é impulsionado mais pela oferta política do que pela demanda pública. Em outras palavras, a ascensão desses partidos não reflete um aumento no sentimento populista entre os eleitores, mas sim uma mudança na disposição das elites políticas em canalizar essas atitudes em apoio eleitoral. A análise dos dados do ESS revela que, em alguns países, o sentimento populista é alto, mas não se traduz automaticamente em apoio eleitoral aos partidos populistas. Isso sugere que, embora existam atitudes populistas amplamente distribuídas entre a população, essas atitudes nem sempre resultam em votos para partidos populistas, a menos que esses partidos consigam mobilizar estrategicamente esse apoio.

Esse fenômeno pode ser interpretado como uma questão de “reservatório populista” que, embora esteja sempre presente, precisa de um “gatilho” para se manifestar em termos eleitorais. Bartels (2023) argumenta que a “explosão populista” é mais um fenômeno de mobilização estratégica das elites do que uma demanda constante e crescente do público por políticas populistas. Nesse sentido, o populismo na Europa pode ser visto menos como uma resposta às necessidades e preocupações populares e mais como uma estratégia política oportunista, que aproveita certos contextos para canalizar a insatisfação pública.

Uma das observações mais interessantes de Bartels (2023) é o paradoxo de que, mesmo entre eleitores com altas inclinações populistas, nem todos convertem essas atitudes em votos para partidos populistas. Em muitos países, há uma alta prevalência de atitudes populistas, como desconfiança em relação à imigração ou ao poder da UE, mas isso não se traduz necessariamente em um aumento significativo de votos para os partidos populistas.

Bartels (2023) conclui que a relação entre o sentimento populista de direita e o apoio efetivo aos partidos populistas é, na prática, irregular e inconsistente. Mesmo entre eleitores com fortes

inclinações populistas, muitos não convertem esses sentimentos em votos para partidos de direita radical. O cientista político Cas Mudde (2004) observou, anteriormente, que as atitudes populistas radicais podem ser intensas nos eleitorados desses partidos, mas também são disseminadas na população em geral. A conexão entre essas atitudes e o apoio direto aos partidos populistas de direita, portanto, não é perfeita.

A análise sugere que o sucesso dos partidos populistas em determinados contextos depende menos da opinião pública e mais das dinâmicas políticas das elites. A capacidade e a disposição das elites políticas de mobilizar o sentimento populista são cruciais para a ascensão de partidos como Vox, na Espanha e Lega, na Itália. Em sistemas majoritários, como no Reino Unido, partidos como o UKIP têm dificuldades para converter sua base de apoio em representação parlamentar, mas conseguem exercer influência ao pressionar partidos maiores e inserir temas populistas na agenda.

Exemplos recentes, como a ascensão do Vox após a queda do Partido Popular na Espanha e a popularidade de Salvini na Itália, ilustram como partidos populistas se aproveitam de crises nos partidos tradicionais para ganhar espaço. O sucesso populista depende, em grande parte, de “empreendedores políticos” que canalizam e organizam o apoio latente do público. Ainda assim, Bartels observa que, apesar das condições favoráveis, muitos partidos populistas ainda não exploraram todo o seu potencial de apoio, refletindo a capacidade dos partidos tradicionais de cooptar eleitores populistas.

Por fim, Bartels argumenta que as visões alarmistas de uma “explosão populista” ignoram a natureza constante do descontentamento nas democracias. Ele destaca que há sempre um “reservatório” de sentimento populista à disposição, o qual pode ser mobilizado em momentos oportunos. Assim, o risco para a democracia não está apenas no aumento do populismo, mas na possibilidade de que as elites políticas, ao manipular esse descontentamento, utilizem-no para minar a própria estrutura democrática.

CRISE ECONÔMICA EXPLICA A DEMANDA POR POPULISTAS?

Inglehart e Norris (2016) rompem com a linha argumentativa já estabelecida de que a desigualdade econômica e as políticas neoliberais geraram um ressentimento contra a classe política, e defendem que uma ameaça de status sentida pelos setores culturalmente dominantes da sociedade, por conta do crescimento de movimentos progressistas, gerou demanda por alternativas reacionárias. Eles argumentam que a competição clássica entre esquerda e direita econômica deu lugar a uma competição no plano dos costumes entre populistas reacionários e social liberais.

Essa virada, que ocorreu por volta da década de 1970, diz respeito à emergência dos chamados valores pós-materialistas. Estes valores inserem no debate público a ênfase em temas como proteção ambiental, o movimento feminista e demandas por maior participação de minorias na vida política, em detrimento de valores materialistas, como a segurança pública e estabilidade econômica (*WVS Database*, acesso em 7 de nov. de 2024). A partir desse momento, nasce uma oposição eleitoral entre partidos e atores materialistas e pós-materialistas nas sociedades pós-industriais - Europa Ocidental e América do Norte.

Concomitantemente, surgem os partidos verdes (social-liberais) na Europa, prontos para suprir a demanda crescente por pautas pós-materialistas. Lentamente, esses partidos se tornaram os principais representantes da esquerda europeia, superando o programa da esquerda clássica, pautado pelo viés de classe, preocupada com uma política econômica heterodoxa e o conflito redistributivo.

butivo.

Essas pautas foram deixadas de lado, o que marca uma inversão de prioridades desses partidos com relação aos que os precederam. O ponto central da esquerda pós-materialista não será mais a classe trabalhadora urbana, e sim a classe média, enquanto as reivindicações da esquerda materialista clássica são abandonadas em favor de posições mais conciliatórias ou, em muitos casos, prontamente neoliberais.

Como os autores expõem, esses partidos só podem ser classificados como uma nova esquerda, uma vez que a esquerda tradicional — materialista — buscava captar eleitores nas classes mais baixas, e seu programa pautava o conflito redistributivo, defendendo medidas como a nacionalização da indústria e a redistribuição de renda. Já a pauta da esquerda pós-materialista apela, principalmente, a eleitores de classe média, dado o seu desinteresse na pauta da esquerda tradicional (Inglehart e Norris, 2016. p. 22)

O fortalecimento desses partidos marca uma queda de popularidade da centro-esquerda entre eleitores de classe social mais baixa, que reverteram seu apoio a partidos populistas de direita que, apesar de manterem uma posição completamente oposta, continuaram a pautar os assuntos materialistas. Isso resultou em casos como as eleições de Richard Nixon, nos Estados Unidos, que mostraram, pela primeira vez, uma preferência dos eleitores com menos educação ao candidato republicano (e populista de direita), ao invés de apoiarem o candidato democrata, como era de costume, o que também ocorreu na eleição de Charles De Gaulle, na França. (Inglehart e Norris, 2016)

Paralelamente, com o crescimento do social-liberalismo cresceu na classe média, criou-se um recorte demográfico geracional importante, em que os eleitores mais jovens têm tendências pós-materialistas mais fortes, com um viés progressista, enquanto as gerações anteriores se mantêm com tendências materialistas e conservadoras. Contudo, os achados mostram que tanto eleitores progressistas quanto conservadores têm, atualmente, uma tendência maior a votar baseando-se em pautas culturais pós-materialistas (Inglehart e Norris, 2016), como se observa na relevância eleitoral de pautas como a imigração, o feminismo e os direitos humanos, o que revela um avanço generalizado de critérios pós-materialistas, inclusive entre os conservadores.

Há um sentimento entre os conservadores de que foram abandonados com o crescimento do social-liberalismo e com o avanço dos direitos de minorias e valores progressistas nas democracias europeias. Este sentimento de abandono levou ao desenvolvimento de posicionamentos como a rejeição aos imigrantes e à União Europeia, com o argumento de que eles estariam “roubando oportunidades” dos “verdadeiros” europeus e, portanto, seriam a causa da deterioração das condições de vida desse grupo (Inglehart e Norris, 2016).

Vale destacar que, em muitos dos casos, não há uma deterioração verificada da qualidade de vida, mas sim, uma percepção de que isso está acontecendo, que é muito bem alimentada pelo discurso populista, que capitaliza esse sentimento para gerar capital político. O populismo reacionário europeu é, portanto, inerentemente nativista, isto é, dependente da defesa de políticas anti-imigratórias, confiando na defesa irrestrita do ‘verdadeiro europeu’ na construção do seu *heartland* (Mudde, 2004)

Inglehart e Norris (2016) rejeitam, portanto, a tese de que a desigualdade econômica teria sido catalisadora da demanda por populistas. Apesar de verificarem um apoio maior a partidos populistas reacionários na Europa, não se viu maior votação para populistas em países com taxas de desemprego mais altas e indicadores econômicos piores (p. 12). Em vez disso, o maior apoio aos

populistas aparece em países que tiveram governos social-liberais, o que teria feito com que os conservadores, principalmente os mais velhos, se sentissem abandonados pelos governos, nutrindo um sentimento reacionário. Além disso, o recorte geracional é particularmente importante, na medida em que atores e partidos populistas sofrem rejeição das gerações mais jovens, que cresceram em meio a esses governos e tendem a ser defensores de valores mais progressistas.

Os líderes dos movimentos populistas de direita dizem ser os únicos e verdadeiros representantes daqueles que se sentiram excluídos pelos governos social-liberais nas democracias europeias, que teriam passado esse grupo para trás. Esse sentimento se torna demanda por populistas, reativamente, à medida em que os líderes desses movimentos são ofertados como representantes dessa parcela da população, e defensores de medidas reacionárias.

PÓS-MATERIALISMO E A LINGUAGEM POPULISTA

Frente à insuficiência da tese de que a ascensão dos populistas se dá por conta de crises econômicas, alguns pesquisadores passaram a buscar no discurso a explicação para o crescimento da demanda por populistas. Ponce (2018) trabalha com a ideia de que, nos últimos anos, estudos apontaram que tanto no Oeste quanto no Leste Europeu, houve uma crescente influência e um grande apoio popular aos partidos populistas de direita na Europa.

O autor revela que os partidos populistas que tiveram um crescimento expressivo nos anos recentes obtiveram influência a partir da crise financeira de 2008. No entanto, ao analisar o discurso desses atores, Ponce (2018) percebe que elementos materialistas relacionados à crise não são o enfoque principal, em vez disso, a defesa de posições mais duras quanto à imigração de pessoas do Oriente Médio tomou frente.

O discurso baseia-se principalmente no argumento, já explorado por Inglehart e Norris (2016), de que essas pessoas são responsáveis por tirar oportunidades dos nativos e, portanto, são a causa dos impactos maiores da crise econômica. incentiva-se e mobiliza-se o sentimento anti-imigração.

Nesse sentido, Ponce (2018) busca compreender o uso da linguagem e do discurso para o convencimento, a partir de autodefinição e autorrevelação, das finalidades de persuasão ao eleitorado e de suas preferências. O avanço do populismo se deu de tal forma que a imigração do Oriente Médio cresceu acompanhando a relevância de atores populistas. Da mesma forma, a xenofobia e a islamofobia avançaram consideravelmente na Europa conforme esses atores utilizavam desse discurso para se projetar politicamente.

Existe, portanto, uma “linguagem populista” construída sob medida para captar o sentimento anti-imigração no eleitorado. Ponce (2018) aponta que os partidos que mais geraram engajamento na Europa nos últimos 30 anos foram partidos populistas de direita, e que, para os eleitores desses partidos, a imigração é um problema central, ao qual os outros atores se recusam a apresentar soluções. Para Ponce (2018), essa é a explicação para o fim do poder compartilhado entre os partidos de centro, centro-esquerda e centro-direita, que dominaram o cenário político europeu no pós-guerra e perderam boa parte da sua relevância para a direita populista.

Em termos econômicos, o autor sugere que partidos já estabelecidos encontraram seu lugar representando os “vencedores” do processo de globalização e deixaram perdedores de fora. Os partidos populistas de direita capitalizaram nessa lacuna representativa e cresceram nos espaços

que os partidos tradicionais abandonaram. Igualmente, o sentimento de abandono gerou facilitadores para que essa parte da população se identificasse com o discurso *antiestablishment* trazido pelos populistas, bem como os elementos eurocéticos e anti-imigratórios.

De acordo com o autor, “O populismo é um estilo particular de comunicação política” (Ponce, 2018. p. 5), que se conecta com parte da população por meio de um discurso maniqueísta que opõe setores vulneráveis da sociedade, de um lado, os trabalhadores de classe mais baixa, que se viram abandonados pela esquerda pós-materialista (Inglehart e Norris, 2016), do outro, as minorias que se viram brevemente representadas nesses atores.

CONCLUSÃO

O debate sobre o populismo na Europa demonstra que a narrativa de uma “explosão populista” carece de base empírica uniforme. Estudos, como os de Bartels (2023), revelam que o populismo é um fenômeno complexo e multifacetado, moldado por fatores econômicos, culturais e políticos, cujas implicações variam conforme o contexto. Em vez de representar uma tendência homogênea ou uma resposta singular à crise democrática, o populismo se manifesta como uma resposta adaptável a sentimentos de insatisfação e abandono, especialmente entre grupos que percebem a globalização e as elites cosmopolitas como ameaças à sua identidade e aos seus interesses.

Enquanto Bartels destaca o papel das elites políticas na mobilização estratégica do sentimento populista, Inglehart e Norris (2016) apontam que a competição eleitoral deixou de ser exclusivamente econômica para se concentrar em pautas culturais. O avanço dos valores pós-materialistas, liderado por partidos social-liberais, gerou uma reação conservadora que alimenta a base do populismo de direita. Essa reação reflete a percepção de exclusão por parte de setores que não se identificam com as agendas progressistas, levando à emergência de discursos anti-imigração, eurocéticos e nativistas.

Além disso, a análise de Ponce (2018) reforça a centralidade do discurso populista na captura de sentimentos anti-imigração e *antiestablishment*. Partidos de direita populista ocupam o espaço deixado pelos partidos tradicionais, que priorizaram agendas pós-materialistas e negligenciaram a representação de segmentos vulneráveis. Essa lacuna permitiu que o populismo de direita se consolidasse como uma força política significativa, apesar das variações no apoio eleitoral e na relevância de suas pautas em diferentes países.

A ideia de que o populismo é impulsionado exclusivamente por crises econômicas é questionada tanto por Bartels quanto por Inglehart e Norris. Embora fatores econômicos possam atuar como gatilhos em certos contextos, a principal força motriz do populismo está na percepção de ameaça cultural e na insatisfação com a responsividade das elites políticas. Isso explica por que, mesmo países com bons indicadores econômicos, como os nórdicos, apresentam apoio considerável ao populismo de direita.

A ascensão populista, portanto, não é um fenômeno unicamente gerado pela demanda popular. Em muitos casos, é o resultado de uma oferta política estrategicamente moldada por elites, que exploram ansiedades culturais e econômicas para obter capital eleitoral. Nesse sentido, o populismo atua como um reflexo das transformações sociopolíticas e das limitações dos sistemas democráticos, funcionando tanto como uma crítica ao status quo quanto como uma oportunidade de renovação política.

Além disso, é necessário buscar outras chaves explicativas para o fenômeno do populismo,

visto que, pelo exposto, o fenômeno não pode ser explicado unicamente analisando a demanda por parte dos eleitores, é preciso se debruçar, também, sobre a oferta, por parte dos partidos políticos. A análise da linguagem populista, da qual falamos brevemente, também é estritamente necessária para compreender o fenômeno, uma vez que é por meio dela que a oferta e demanda se relacionam no contexto político.

REFERÊNCIAS

BARTELS, Larry. *Democracy erodes from the top: leaders, citizens, and the challenge of populism in Europe*. Princeton: Princeton University Press, 2023. v. 40. Capítulo 6.

INGLEHART, R.; NORRIS, P. *Trump, Brexit, and the rise of populism*. 2016.

MUDDE, C. *The populist Zeitgeist*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

Mudde C, Rovira Kaltwasser C. *Exclusionary vs. Inclusionary Populism: Comparing Contemporary Europe and Latin America. Government and Opposition*. 2013;48(2):147-174. doi:10.1017/gov.2012.11

PONCE, M. *Populismo, lenguaje y representación (Populism, Language, and Representation)*, 2018. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3286002> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3286002>

WVS Database. Disponível em: <<https://www.worldvaluessurvey.org/wvs.jsp>>. Acesso em: 7 nov. 2024.

O FENÔMENO POPULISTA IDENTIDADE E ENQUADRAMENTO

Jennifer Kelly Mello da Silva(1)

Maria Clara de Queiroz Machado(2)

Pedro Henrique Teixeira Lourenço(3)

Solange Tawaialo Paique(4)

RESUMO: Populismo é um tipo retórico maniqueísta que contrapõe dois grupos distintos e antagônicos - um povo puro e uma elite corrupta. Neste texto, pretende-se discutir assuntos que correlacionam o populismo com a psicologia social. A análise perpassa as razões pelas quais o indivíduo busca afiliar-se a um coletivo. Para além disso, é exposto como esses laços de pertencimento e lealdade ao coletivo são explorados, especialmente, no contexto eleitoral. Paralelamente, são explicitados os fatores psicológicos individuais que acarretam a suscetibilidade coletiva à retórica empregada por líderes populistas, tendo como base fatores sociológicos e psicológicos que acentuam tais sentimentos nos indivíduos e nos grupos. Por fim, para exemplificar como as identidades coletivas são mobilizadas com o intuito de influenciar atitudes políticas e eleitorais, são explorados dois estudos: de Diana Mutz (2018), que explora a forma que o sentimento de ameaça ao *status quo* foi utilizado para capitalizar votos nas eleições presidenciais estadunidenses de 2016, enquanto a pesquisa de Hameleers et al. (2021) esclarece os efeitos da comunicação populista no posicionamento de distintos grupos sociais da Europa.

Palavras-chave: Populismo, Identidade, Enquadramento, Lealdade de grupo, Ameaça ao *Status quo*.

(1) Bacharel em Ciência Política (UnB)

(2) Graduanda em Ciência Política (UnB)

(3) Graduando em Ciência Política (UnB)

(4) Bacharel em Ciência Política (UnB)

INTRODUÇÃO

O populismo é um fenômeno multifacetado que envolve diversas causas e abordagens; uma vez que a definição exata do fenômeno está em constante disputa na academia. Será, então, utilizado nesse texto a definição cunhada por Paris Aslanidis (2015), que aponta o populismo como uma retórica maniqueísta que antagoniza dois grupos irreconciliáveis, o povo probo e a elite dominante (ASLANIDIS, 2015). Ademais, compreende-se, também, que a identidade social populista está circunscrita em duas ideias centrais: o antielitismo e a soberania popular (HAMELEERS *et al.*, 2021).

Assim, o trabalho aqui desenvolvido tem como objetivo central analisar o fenômeno sob a ótica da identidade social, destacando suas características gerais no contexto do enquadramento político. Paralelamente, explicita-se que o estudo está dividido em quatro seções. A primeira parte busca ambientar o leitor com os conceitos psicossociais, que estão envolvidos na criação de identidades coletivas e o modo que isso impacta na aceitação da retórica populista. A segunda etapa utiliza desse entendimento para tratar de como os indivíduos desenvolvem sentimentos de pertenc-

cimento, lealdade e hostilidade em relação aos grupos nacionais (DRUCKMAN, 1994).

Nas duas etapas subsequentes são explorados dois estudos de caso. O primeiro — na terceira seção — foi desenvolvido por Diana Mutz (2018) e explora como o sentimento de ameaça ao *status quo* impactou nas eleições presidenciais em 2016, nos Estados Unidos da América (EUA). Na última partição, é abordado o estudo comparado de Hameleers et al. (2021), que foi realizado simultaneamente em 15 países da Europa, com o fito de mensurar a adesão de cidadãos ao perfil de enquadramento populista — tanto à esquerda, quanto à direita (HAMELEERS *et al.*, 2021).

Dessa forma, este trabalho busca desenvolver uma compreensão mais coesa acerca do fenômeno do populismo. Nesse viés, as pesquisas supracitadas auxiliarão na assimilação da ideia central do estudo; ou seja, exemplificarão como os discursos dos populistas enquadram essas identidades coletivas e as utilizam para influenciar atitudes políticas.

Destaca-se, nesse contexto, a mobilização das identidades sociais a partir do uso do vocabulário do nacionalismo ético (DRUCKMAN, 1994). Tais discursos não apenas reforçam clivagens sociais, mas perpassam a barreira de grupo, consolidando-se institucionalmente nas democracias liberais, por meio das eleições (MUTZ, 2018). Tendo em vista que, em um cenário contemporâneo marcado por discursos cada vez mais imbuídos de valores morais, observa-se um terreno fértil para o crescimento de uma retórica voltada à capitalização política de emoções como insegurança e ameaça — aspectos que são sistematicamente explorados por líderes populistas (MUTZ, 2018).

MECANISMOS PSICOLÓGICOS DA AFILIAÇÃO POPULISTA

O ponto central a ser explorado, nesse fragmento do texto, refere-se aos mecanismos psicológicos que estão envolvidos na aceitação do discurso populista. Assim, o populismo não consegue ser bem analisado no contexto de teorias tradicionais sobre representação do eleitorado — especialmente teorias pautadas em cálculos individuais de custo-benefício (Aslanidis, 2018). Dessa maneira, com o objetivo de indicar onde os eleitores de líderes populistas se posicionam, o autor recorreu aos preceitos da psicologia social, com o fito de sanar essa dúvida (Aslanidis, 2018).

A psicologia social parte do princípio de que os seres humanos são influenciados pelo coletivo (Aslanidis, 2018). Dessa forma, a comunicação política expressa que a retórica populista pode ser analisada a partir do líder ou do receptor da mensagem; ambas as lentes pressupõem uma investigação nas relações interpessoais (Aslanidis, 2018). No que tange à essa associação, busca-se elucidar as funções sociopsicológicas que sustentam a dicotomia entre pessoas comuns e a elites e que, consequentemente, corroboram com o objetivo dos líderes populistas de acentuar essa lógica binária (Mudde, 2004).

A argumentação é pautada em três conceituações da psicologia social: a teoria da identidade social, a teoria de auto-categorização e a teoria do meta-contraste (Aslanidis, 2018). Essas ideias apontam que o primeiro passo para incentivar a mobilização social é a construção de uma identidade coletiva (Aslanidis, 2018). A identificação com um grupo permite uma validação da ação individual – isso significa que os indivíduos agem no coletivo, pois, nesse contexto, se sentem necessários e valorizados ao comporem um todo (Aslanidis, 2018). Essa percepção deriva da ideia de que apelos coletivos são mais válidos que demandas pessoais (Aslanidis, 2018). Esses sentimentos reforçam a despersonalização e, consequentemente, a lógica que guia as ações do ser sai de uma perspectiva

do 'eu' e passa ao ângulo do 'nós' (Aslanidis, 2018).

A construção desse imaginário coletivo possui determinadas etapas indispensáveis: (i) demonstrar a existência do grupo e sua aceitabilidade perante o indivíduo; (ii) comunicar a importância dos seus valores para a os outros grupos e indivíduos; (iii) para, assim, persuadir o indivíduo acerca do valor normativo de se alinhar ao grupo; (iv) assim, incitar o novo membro a adotar e difundir as normas do grupo (Aslanidis, 2018).

No que tange à fortificação do grupo interno⁴, entretanto, o principal pré-requisito é a coesão intragrupo, uma vez que características como unicidade, mérito e moral corroboram para a percepção de que o grupo ao qual o indivíduo pertence é mais legítimo que o grupo externo (Aslanidis, 2018). Essa comparação é inevitável e, segundo a teoria do meta-contraste, tem um papel imprescindível na perpetuação da unidade do grupo interno, visto que os participantes do *in-group* têm maior aceitabilidade às problemáticas dos seus respectivos grupos (Aslanidis, 2018). Enquanto isso, as diferenças com o grupo externo⁵ tornam as problemáticas externas maiores do que as questões pertinentes ao seu próprio grupo (Aslanidis, 2018). Esse mecanismo é essencial para forjar laços de lealdade do indivíduo perante o seu grupo (Druckman, 1994).

A premissa de fortificação interna dos grupos dialoga diretamente com os dois mecanismos mais utilizados por líderes populistas, com o objetivo de construir um grupo interno de eleitores que se identifiquem como 'o povo' e garanta não apenas sua eleição, como certa devoção à causa: o primeiro mecanismo é da identificação social e o segundo mecanismo é da auto-categorização (Aslanidis, 2018).

Nesse viés, o mecanismo da identificação social se aproveita do amplo espectro identitário populista, uma vez que a ideia de antagonizar uma classe tirana, em nome de estabelecer uma soberania popular, "repousa no cerne de nossos credos políticos atuais e sua difamação é virtualmente (ou pelo menos moralmente) inaceitável" (Aslanidis, 2018, p. 5). Dessa maneira, há a construção de um intragrupo com margens mais permeáveis, que possibilita ampla aderência social (Aslanidis, 2018). Por outro lado, esse mecanismo, por si só, não determina a adoção da identidade do grupo interno por um certo público, muito menos conduz a coletividade às condições de mobilização política, em nome do líder ou dos princípios da agremiação.

A teoria da auto-categorização surge para assegurar a unidade de modo que o povo passe a ignorar potenciais incompatibilidades na identificação social - ultrapassando o papel da nação, da religião, da classe e de qualquer outra categoria social que poderia fragmentar a coletividade (Aslanidis, 2018). Tal ferramenta utiliza da antagonização do *out-group* para aumentar a coesão interna; uma vez que essa teoria é intrinsecamente comparativa — ou seja, a adesão cresce com a hostilização de grupos externos (Druckman, 1994). Diante disso, o comportamento dos eleitores cria uma divisão cognitiva e emocional do mundo social, separando-o em categorias bem definidas e sem sobreposição (Aslanidis, 2018).

Ademais, existem estratégias paralelas que corroboram para a polarização e sobre as quais a retórica populista se apoia. O antagonismo é alimentado, por exemplo, por processos de condicio-

⁴Tradução livre de *In-group*; trata-se do grupo alinhado ao líder populista. Consultar Aslanidis (2018).

⁵Tradução livre de *Out-group*; refere-se ao grupo antagonizado pelo líder populista. Consultar Aslanidis (2018).

namento que são pautados na percepção pessoal de que a perpetuação de injustiças e violências vividas pelo povo puro não é uma consequência de falhas pessoais, mas resultado de desigualdades no sistema de tomada de decisões e de distribuição de recursos (Mutz, 2018). Isso ajuda o indivíduo a passar de um estado de mera identificação com o grupo interno para um estado de apego e necessidade a esse grupo (Aslanidis, 2018).

Todas essas ferramentas levam a um resultado claro: a dicotomização de grupos opostos e rivais (Druckman, 1994). Essa polarização advinda de processos sociopsicológicos apenas ajuda no senso de urgência que permeia o discurso populista, visto que um sistema inteiro necessita ser derubado (Aslanidis, 2018). O resultado é um espaço de identidade estritamente antagônico, em que a inclusão no grupo interno populista é o único caminho moralmente aceitável (Aslanidis, 2018).

LEALDADE NACIONAL E CONFLITOS ENTRE GRUPOS

A partir do que foi explorado acima, o texto objetivará relacionar os mecanismos psicossociais já expostos com a construção dos ideários de nacionalismo e patriotismo, que são intrínsecos à pátria amada⁶ do populista (Mudde, 2004). Na seara da lealdade nacional, pode-se também apontar uma relação direta com o nacionalismo ético de um grupo, pois sabe-se que, em termos afetivos, esse fenômeno mobiliza o sentimento de pertencimento de um grupo a um Estado-nação específico (Druckman, 1994). Assim, é importante ressaltar que esse sentimento não é algo rígido — o nacionalismo, ao longo do século XX, passou por transformações (Druckman, 1994).

Com base no exposto, é possível apontar dois fatores determinantes para discutir sobre as transformações que o fenômeno do nacionalismo sofreu: a influência de duas Guerras Mundiais e do pós-Guerra Fria (Druckman, 1994). Dessa forma, em relação às duas guerras, percebe-se que o sentimento de pertencimento nacional pode gerar grupos extremistas como resultado do individualismo em relação ao conjunto social ou pela hostilidade reforçada em relação aos demais coletivos (Druckman, 1994).

No período pós-Guerra Fria, quanto ao sentimento de pertencimento, observa-se que esses fenômenos tendem a reforçar um comportamento que se expande do individual para o coletivo — isto é, de grupos específicos para o conjunto social (Druckman, 1994). Também é importante salientar que o nacionalismo é um fenômeno que vem sendo construído desde a criação moderna do conceito de Estado-Nação (Druckman, 1994), principalmente Pós-Revolução Francesa, e que é um fenômeno de cunho político, econômico, social e psicológico.

Dessa forma, o fenômeno do nacionalismo possui uma faceta psicológica, já que influencia os indivíduos a se enxergarem em contraste ao todo, ao passo que também gera perspectivas a respeito de suas próprias nações (Druckman, 1994). Assim, pode-se dizer que os sentimentos psicológicos de pertencimento, segurança e prestígio são universais entre grupos humanos, especialmente devido ao nacionalismo que lhes é intrínseco (Druckman, 1994).

Além dos grupos, este padrão se repete de forma geral com a identificação nacional (Druckman, 1994). O ambiente social gera uma condensação afetiva que é instrumentalizada pelas nações perante seus cidadãos (Druckman, 1994). Contudo o indivíduo reforça ainda mais essa relação

6 2 Tradução livre de *Heartland*, refere-se ao grupo diretamente vinculado ao líder populista. Consultar Mudde (2004).

pois possui as necessidades de autoproteção e transcendência; assim, o povo passa a ver a nação como algo capaz de atender tais necessidades gerando lealdade ao coletivo (Druckman, 1994).

Entretanto, o nacionalismo não é a única faceta explicativa para entender o fenômeno da lealdade e da hostilidade perante grupos sociais, já que é notável a existência de outro fenômeno: do patriotismo. É muito comum sobrepor os dois fenômenos, porém são distintos. O patriotismo pode ser caracterizado como uma relação direta entre o indivíduo e sua pátria mãe — uma conexão recheada de emoções e afetos com a pátria (Druckman, 1994). Já o nacionalismo se pauta na relação de poder e de dominação entre duas nações, de forma referencial (Druckman, 1994).

Sendo assim, o nacionalismo está mais ligado a um sentimento de superioridade do grupo interno, explorado na teoria da auto-categorização (Aslanidis, 2018). Essa dinâmica reflete conflitos entre grupos da mesma nação, em que a lealdade nacional pode ser afetada pela percepção de ameaça ao status social de um determinado grupo, assim como descrito na teoria do meta-contraste (Aslanidis, 2018).

Dessa forma, a ameaça ao status social torna-se um dispositivo de adesão; e a lealdade nacional torna-se um fator determinante em eleições (Mutz, 2018). Eleitores moldam seu comportamento político, portanto, tendo como objetivo a preservação do *status quo*, dos valores morais e das ideias que fundamentam essa identidade nacional (Mutz, 2018).

LEALDADE DE GRUPO E COMPORTAMENTO COLETIVO

Considerando o que foi exposto, pode-se afirmar que o nacionalismo é um fenômeno mais complexo do que o patriotismo; enquanto patriotas estão dispostos a se sacrificar pela nação, nacionalistas estão dispostos a matar por ela (Druckman, 1994). Paralelamente, surge a questão do pertencimento em contraste com o não pertencimento a um grupo, o que leva muitos grupos a se formarem em oposição a outros, assim, competição e conflito social se tornam forças motrizes desses grupos (Druckman, 1994).

Levantada tal questão sobre o nacionalismo, o patriotismo e o pertencimento de grupo, pode-se dizer que a lealdade gera não só sentimentos voltados para o grupo, mas, também, uma forma do indivíduo se reconhecer — ou seja, gera imagens de quem é ele próprio perante ao grupo interno e aos grupos externos (Druckman, 1994). Essas imagens oferecem aos indivíduos uma espécie de mapeamento dos grupos, fruto de estereótipos sociais. Vale destacar que, em geral, as crianças tendem a associar o conteúdo de uma imagem ou sua descrição (estereótipos), ao invés de avaliarem as imagens em si, baseando-se no que lhes é familiar em contraste com o que lhes é desconhecido (Druckman, 1994).

Quando se trata das imagens estereotipadas que os grupos têm de si mesmos e de outros grupos, é importante destacar que esses fatores influenciam o comportamento coletivo, inclusive em níveis institucionais (Druckman, 1994). Esse processo é sustentado por um sentimento de lealdade, permitindo identificar quatro níveis de influência desse fenômeno: (i) na ação como representante do grupo; (ii) no apoio a políticas específicas; (iii) na definição de normas grupais; (iv) e no processo decisório político (Druckman, 1994).

No que se refere ao primeiro nível, um representante de um grupo possui a confiança dos demais, pois é validado como líder de suas preferências. O que ocorre, no entanto, é que esses re-

presentantes podem manipular o grupo em função de interesses individuais. Essa manipulação, por sua vez, pode resultar em grupos mais coesos, uma vez que aqueles que concordam com o líder reforçam sua lealdade, enquanto os que discordam tendem a se afastar (Druckman, 1994).

No segundo aspecto, a ideia é fundamentada no maniqueísmo, ou seja, é construída sob a perspectiva de amizade versus inimizade (nós e eles). Assim, políticas específicas fortalecem um grupo em detrimento do outro (Druckman, 1994). Já a respeito do terceiro nível, pode-se dizer que as normas de um grupo são decididas e definidas por meio da própria interação social do *in-group* (Druckman, 1994). Sendo assim, a coesão do grupo diz respeito ao desejo do membro de permanecer nele, algo que torna a lealdade e a coesão retroalimentativas.

O último nível é o mais cristalino, manifestando-se em processos decisórios políticos - a lealdade de um grupo e o comportamento coletivo são analisados no contexto do comportamento eleitoral (Druckman, 1994). Dessa maneira, pode-se pensar que além do sentimento de lealdade a algum grupo, do comportamento coletivo e político, outra questão que permeia como um vetor de grande influência eleitoral é o sentimento de ameaça ao *status quo* (Mutz, 2018).

Dessa maneira, ao se tratar da relação proveniente entre o comportamento político e os resultados eleitorais acarretados por sentimentos identitários; entende-se que, ao longo da campanha presidencial de 2016 nos EUA, houve uma divisão entre diferentes grupos políticos, refletindo uma polarização cada vez maior na sociedade (Mutz, 2018). Nesse cenário, essa relação foi alimentada por questões relacionadas à imigração, à diversidade cultural e à globalização que colaboraram para o aprofundamento de identidade de dois grupos distintos e opostos (Mutz, 2018).

Sobre o sentimento de ameaça ao *status quo*, muitos eleitores, especialmente aqueles pertencentes a classes mais privilegiadas, sentiram o status social ameaçado devido a mudanças rápidas em índices econômicos e de desenvolvimento (Mutz, 2018). Essa percepção do sentimento de ameaça foi intensificada por líderes políticos que capitalizaram politicamente o medo e a ansiedade em relação às mudanças em andamento, prometendo restaurar um sentido de ordem e estabilidade (Mutz, 2018).

Ademais, os candidatos à presidência exploraram ativamente essa aflição nacional e ameaças percebidas ao status social para mobilizar eleitores e construir apoio (Mutz, 2018). Determinados candidatos prometeram a proteção dos interesses nacionais e a reafirmação da identidade cultural, enquanto outros adotaram uma abordagem mais inclusiva, visando unir diferentes grupos sob uma visão comum de identidade nacional (Mutz, 2018).

Nesse viés, compreende-se o impacto da estruturação de uma identidade nacionalista e das dinâmicas de reconhecimento de grupo em processos eleitorais (Druckman, 1994), como da eleição estadunidense de 2016. Explicitando, assim, principalmente, a forma que a escolha do candidato foi influenciada pela apropriação dessas estratégias retóricas (Mutz, 2018).

Por fim, muitos eleitores se identificam fortemente com sua etnia, raça ou cultura e percebem o status de seu grupo como ameaçado. Nesse contexto, a lealdade ao grupo muitas vezes se sobrepõe às considerações econômicas ou políticas mais tradicionais no momento de decidir o voto (Mutz, 2018). Um aspecto particularmente relevante é o comportamento coletivo, observado especialmente entre eleitores brancos sem diploma universitário, que tendem a agir de forma mais coesa (Mutz, 2018). Esse grupo se influencia mutuamente, criando um padrão de comportamento

que desafia as expectativas convencionais e destaca a força das dinâmicas sociais no processo eleitoral (Mutz, 2018).

OS EFEITOS DA COMUNICAÇÃO NAS ATITUDES POPULISTAS

Nesse fragmento, será explorada uma pesquisa realizada por Hameleers *et al.* (2021), que busca explicitar os efeitos das mensagens, ideias e estratégias de comunicação populista sobre as atitudes eleitorais. Esse estudo foi realizado em 15 países da Europa, com o objetivo de verificar e mensurar se a exposição a componentes específicos da comunicação populista influencia as atitudes do eleitorado nesses países. Para isso, foram analisadas as mais diversas regiões da Europa, a fim de visualizar esse fenômeno nos amplos cenários políticos (Hameleers *et al.*, 2021).

O resultado esperado era que a retórica populista desempenhasse um papel central na ativação dessas atitudes em toda a Europa. De acordo com as conclusões do estudo, ficou claro que a exposição à comunicação populista pode, de fato, ser um fator precursor de atitudes populistas (Hameleers *et al.*, 2021). No entanto, os efeitos dessa exposição variam conforme o país, bem como de acordo com as características individuais e o contexto em que os eleitores estão inseridos (Hameleers *et al.*, 2021).

Nesse contexto, a exposição a ideias populistas pode gerar atitudes populistas por meio de mecanismos psicológicos (Aslanidis, 2018), como a exposição constante a imagens negativas ou positivas de determinados grupos, o que favorece a formação de estereótipos (Hameleers *et al.*, 2021). Eles podem influenciar o julgamento de candidaturas, já que uma das características centrais do populismo é seu forte poder de persuasão (Hameleers *et al.*, 2021).

A fim de verificar quais estímulos discursivos provocam atitudes populistas, Hameleers *et al.* (2021) aplicam um *survey* que utiliza uma mesma imagem com quatro variações de legendas (consultar Apêndice).

O título da primeira diz, "O poder de compra diminuirá, fundação *FutureNow* divulga novo relatório". A segunda diz: "O poder de compra diminuirá, a fundação *FutureNow* culpa os políticos em novo relatório". A terceira diz: "O poder de compra dos nacionais diminuirá, fundação *FutureNow* divulga novo relatório". E, por fim, a quarta diz: "O poder de compra diminuirá para os cidadãos, a fundação *FutureNow* culpa os políticos em novo relatório" (Hameleers *et al.*, 2021).

Dessa forma, a pesquisa mostra que diferentes estímulos influenciam de formas distintas os eleitores: a primeira frase, por exemplo, apenas cita um ocorrido, enquanto, na segunda, há um viés tendencioso, capaz de levar as pessoas a se sentirem ameaçadas, identificando quem é o culpado (Hameleers *et al.*, 2021).

Além disso, no experimento, foram examinadas essas atitudes por meio de perguntas feitas aos entrevistados sobre seu nível de concordância com as afirmações, como: "os deputados no parlamento perdem rapidamente o contato com as pessoas comuns" e "os políticos não estão realmente interessados no que as pessoas pensam" (Hameleers *et al.*, 2021). Os participantes deveriam classificar seu grau de concordância em uma escala de 1 a 7, na qual um número maior indicava um maior nível de concordância (Hameleers *et al.*, 2021).

De forma geral, as atitudes populistas se reproduzem à medida em que o indivíduo concorda com a ideologia do candidato populista (Hameleers *et al.*, 2021). Logo, as mensagens estimulantes

a princípios que permeiam o âmbito dos desejos e sentimentos provenientes da dicotomia entre o “nós versus eles”, são mais aceitas pelos indivíduos e possuem mais ressonância no eleitorado e na vitória possível do populista (Hameleers *et al.*, 2021).

Também é apresentado que as diferenças entre contextos nacionais também influenciam na força com que o populismo produz efeito (Hameleers *et al.*, 2021). Por exemplo, a crise financeira no Sul da Europa produziu mais consequências às pessoas do que nos países ocidentais do Norte da Europa (Hameleers *et al.*, 2021). Todavia, as atitudes populistas incidem não necessariamente nas consequências da situação econômica, mas sim na percepção de como o país está se desenvolvendo economicamente (Hameleers *et al.*, 2021).

Os testes levaram em consideração o nível escolar, a idade e o gênero dos colaboradores. Foi possível perceber que os efeitos do quadro anti-elite nas atitudes anti-elitismo possuem menos força para indivíduos com alta educação formal em relação aos que possuem uma educação formal mais baixa (Hameleers *et al.*, 2021). Tendo isso em vista, o resultado da pesquisa mostrou que as pessoas que possuem menor escolaridade também são mais suscetíveis às mensagens populistas e ao seu poder de persuasão, enquanto os cidadãos com nível maior de escolaridade tendem a se sentir pertencentes ao *status quo* (Hameleers *et al.*, 2021).

Assim, os quadros de identidade populistas ativam atitudes populistas convergentes com a mensagem, interferindo no antielitismo e na centralidade do povo (Hameleers *et al.*, 2021). Referir-se à centralidade dessas pessoas pode fomentar as perspectivas anti-*establishment*, e dessa forma, aumentar o cinismo político e a desconfiança do povo em relação às próprias instituições e atores políticos (Hameleers *et al.*, 2021).

CONCLUSÃO

Esse texto buscou sintetizar uma série de características provenientes da performance populista, perpassando por pontos que servem de amparo acadêmico para observar a complexidade e peculiaridade do fenômeno. Em especial, é demonstrado que, no populismo, o enquadramento político é algo essencial, desse modo, a identidade social dos grupos é formada pelo conflito intrínseco a suas naturezas pessoais e contraditórias (Aslanidis, 2018).

Dessa forma, pode-se entender que os grupos sociais nascem em oposição a outros grupos sociais em um processo de antagonismo (Druckman, 1994). Esse fenômeno possui características que perpassam esferas individuais, grupais e – em um sentido maior- nacionais (Druckman, 1994). O enquadramento populista, de certa forma, captura esse sentimento que é reforçado pela identidade social que cada grupo desenvolve e, assim, na figura da liderança populista é desenvolvido a figura de um povo, de um grupo social, que compartilha dos mesmos valores (Aslanidis, 2018).

Entretanto, para que a mensagem do populista chegue aos seus receptores, é necessário que os últimos aceitem o discurso populista (Aslanidis, 2018). Toda essa relação perpassa o desenvolvimento e fortalecimento do intragrupo em contrapartida ao grupo externo, ou seja, são desenvolvidos pelos mesmos membros de um grupo os sentimentos de pertencimento e de lealdade (Druckman, 1994).

O enquadramento populista ganha contorno e expressão política quando tem a sua mensagem atrelada a dicotomia do nós *versus* eles, e, assim, cada vez mais as pessoas e as nações são

atraídas a essas ideias (Hameleers *et al.*, 2021). Contudo, os motivos que levam à aceitação da mensagem são variados, pois partem de diferenças que são sociais, culturais, regionais, econômicas e políticas (Hameleers *et al.*, 2021).

Tudo depende da forma como a mensagem é sintetizada e transmitida pelos emissores, captando sentimentos e percepções que moldam e distinguem os grupos sociais presentes em diversas nações. Esses fatores refletem no âmbito da representação política e influencia os votos de uma eleição (Hameleers *et al.*, 2021). Dessa forma, pode-se observar como o enquadramento populista parte de uma esfera individual, passa por uma esfera grupal e se consolida em uma esfera institucional.

Além disso, o enquadramento populista se aproveita justamente dos sentimentos de ameaças que um grupo sente em relação aos demais grupos, mas tais sentimentos são amparados na diversidade que existe entre esses mundos sociais (Mutz, 2018). Ademais, fatores econômicos, educacionais e regionais reforçam esse sentimento de ameaça de *status quo*, principalmente em grupos que historicamente se constituíram como hegemônicos, reforçando, assim, o impacto da retórica populista neles (Mutz, 2018).

Em síntese, o populismo opera por meio do enquadramento político baseado no antagonismo entre grupos sociais e na construção de identidades coletivas. A partir de fatores individuais, grupais e institucionais, o discurso populista se molda às percepções de ameaça, exclusão ou perda de *status* sentidas por determinados segmentos sociais. Ao explorar essas dinâmicas, o populismo não apenas mobiliza emoções e sentimentos de pertencimento, mas também influencia diretamente a representação política e capitaliza no processo eleitoral. Assim, compreender o populismo exige uma análise que considere não apenas o conteúdo do discurso, mas também os contextos sociais e estruturais que o tornam eficaz e atrativo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASLANIDIS, Paris. Is populism an ideology? A refutation and a new perspective. **Political Studies**, [s.l.], v. 64, n. 1, p. 88–104, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/1467-9248.12224>. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9248.12224>.

ASLANIDIS, Paris. The social psychology of populism. In: RON, A.; NADESAN, M. (org.). **Mapping populism: Approaches and methods**. 1 ed. Reino Unido: Routledge, 2018. p. 166–174. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9780429295089-16/social-psychology-populism-paris-aslanidis>. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780429295089-16>.

CORBU, N.; BOS, L.; SCHEMER, C.; SCHULZ, A.; MATTHES, J.; DE VREESE, C. H. **Communicating Populism**. London: Routledge, 2019.

HAMELEERS, Michael; SCHMUCK, Desirée; SCHULZ, Anne; WIRZ, Dominique Stefanie; MATTHES, Jörg; BOS, Linda; CORBU, Nicoleta; ANDREADIS, Ioannis. The effects of populist identity framing on populist attitudes across europe: Evidence from a 15-country comparative experiment. **International Journal of Public Opinion Research**, [s. l.], v. 33, n. 3, p. 491–510, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1093/ijpor/edaa018>.

DRUCKMAN, Daniel. Nationalism, patriotism, and group loyalty: A social psychological perspec-

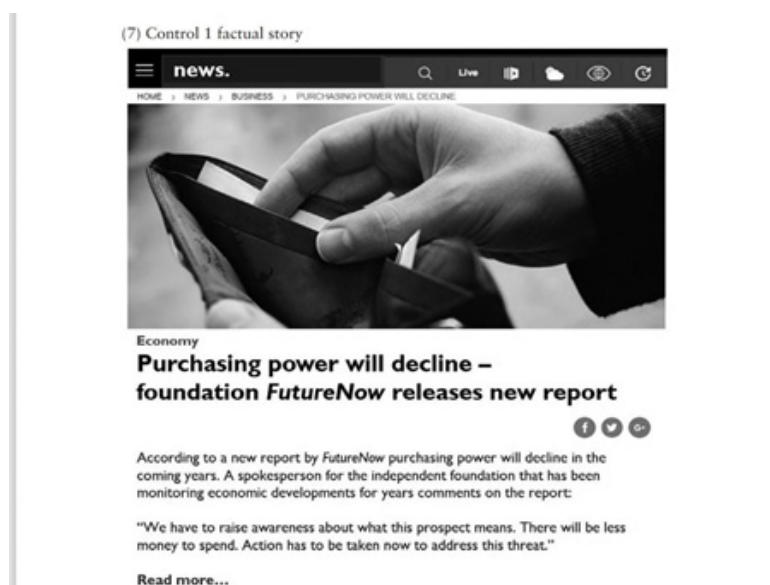
tive. **Mershon International Studies Review**, [s. l], v. 38, n. 1, p. 43–68, 1994. DOI: <https://doi.org/10.2307/222610>.

MUDDE, Cas. **The populist Zeitgeist**. Cambridge University Press, 2004.

MUTZ, Diana C. Status threat, not economic hardship, explains the 2016 presidential vote. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, [s. l], v. 115, n. 19, 2018. DOI 10.1073/pnas.1718155115.

Apêndice

Imagem 1 – Mensagem factual, desprovida de ideais populistas



Fonte: Corbu et al. 2019, p. 259.

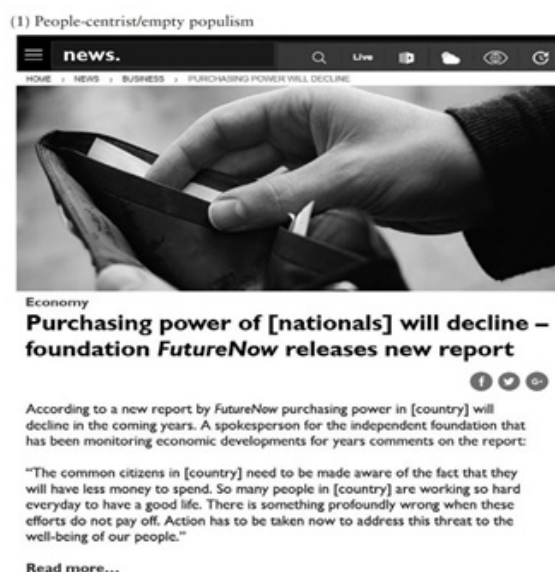
Imagem 2 – Mensagem com viés de antielitismo, mas sem apelo pro-povo.



Fonte: Corbu et al. 2019, p. 260.



Imagem 3 – Mensagem com viés pro-povo, mas sem apelo antielitista



Fonte: Corbu et al. 2019, p. 253

Imagem 4 - Mensagem com viés pro-povo e com apelo antielitista



Fonte: Corbu et al. 2019, p. 254

POPULISMO EM PERSPECTIVA COMPARADA: AVALIANDO MÉTODOS DE ANÁLISE DO POPULISMO NO SUL E NO NORTE GLOBAL

Álice Monteiro Melo(1)

Ana Flávia Ferreira(2)

Jennifer Kelly Mello da Silva(3)

Leony Santiago Araújo(4)

Vicente de Cerqueira e Silva Ferreira(5)

RESUMO: Este artigo examina os principais métodos empregados na análise do populismo, com ênfase em abordagens aplicadas a casos da América Latina e da Europa. São comparadas quatro metodologias: análise textual automatizada, análise de conteúdo tradicional, *surveys* com especialistas e *surveys* de opinião pública. A discussão considera tanto a definição conceitual de populismo, variando entre enfoques ideológicos, discursivos e performáticos, quanto os instrumentos metodológicos utilizados para mensurá-lo. Conclui-se que a escolha metodológica deve considerar o tipo de inferência buscada, os dados disponíveis e o equilíbrio entre validade e confiabilidade. O artigo propõe uma estratégia combinada de métodos como caminho promissor para capturar a complexidade do fenômeno populista em diferentes contextos político-institucionais.

PALAVRAS CHAVE: *surveys*; populismo; análise textual; América Latina; Reino Unido.

(1) *Graduanda em Ciência Política (UnB)*

(2) *Bacharel em Ciência Política (UnB)*

(3) *Bacharel em Ciência Política (UnB)*

(4) *Graduando em Ciência Política (UnB)*

(5) *Bacharel em Ciências Sociais e Ciência Política (UnB)*

INTRODUÇÃO

A introdução do estudo sobre o populismo exige uma reflexão sobre a crescente relevância

deste fenômeno no cenário político global. O populismo, em suas múltiplas manifestações e intensidades, desafia instituições e normas democráticas ao articular uma retórica que frequentemente opõe um “povo puro” à uma “elite corrupta”. A complexidade do populismo se reflete em suas interpretações diversas, que variam desde uma ideologia completa até uma retórica de campanha, adotada tanto por partidos tradicionais quanto por líderes considerados outsiders.

Este estudo visa examinar as diferentes metodologias aplicadas na análise do populismo, comparando métodos como análise textual, de conteúdo, surveys de especialistas e de opinião pública. Essas metodologias fornecem ferramentas para distinguir nuances entre discursos demóticos e populistas, permitindo entender como o populismo se adapta a diferentes contextos culturais, econômicos e políticos. Este trabalho explora as contribuições desses métodos para a análise de fenômenos populistas em diversas regiões, com foco em contextos como o sistema multipartidário latino-americano e o sistema partidário britânico. Ao integrar essas abordagens, o estudo propõe uma análise abrangente, que busca capturar a profundidade e as múltiplas dimensões do populismo no contexto contemporâneo.

ANÁLISE TEXTUAL

O método de análise textual consiste em uma observação em duas fases, em que, primeiramente, faz-se uma análise de conteúdo clássica de manifestos partidários e, posteriormente, uma análise qualitativa que caracteriza e diferencia o populismo de cada partido. March (2018) utiliza esse método em um estudo de caso sobre o sistema partidário britânico, em que busca identificar, a partir dos manifestos, o que diferencia os partidos populistas dos partidos tradicionais, por meio de uma técnica que mede a presença de elementos de discurso populista aparecem nos manifestos de cada partido.

Tido como um exemplo clássico da “onda” populista, o caso britânico foi escolhido para mostrar como o fortalecimento dos partidos populistas influencia o restante do ecossistema partidário. A conclusão é que os partidos tradicionais, apesar de empregarem elementos de discurso característicos da retórica populista em diversos momentos, não se tornaram mais populistas com o passar dos anos, isolando o discurso populista em partidos radicais, principalmente de ultradireita.

Nesse processo, é importante a distinção entre populismo e demoticismo, este segundo sendo um elemento de discurso que marca proximidade com a população, muito utilizado por todos os tipos de atores políticos, sejam eles populistas ou não. Elementos característicos do discurso populista, principalmente o povo-centralidade e a soberania popular, costumam estar presentes em discursos demóticos, o que faz com que eles “marquem pontos” ou sejam caracterizados como “um pouco populistas” em muitos estudos, mas a presença desses elementos não podem, para March (2018), ser suficientes para caracterizá-los como populistas.

Essa distinção guia uma parte fundamental do método de análise textual: todos os elementos do discurso populista precisam estar presentes simultaneamente para caracterizar um ator como tal. No caso britânico, em diversos momentos partidos tradicionais empregam elementos demóticos de discurso, o Partido Trabalhista, por exemplo, tem uma crescente desde 2005 na variável de povo-centralidade, o que agrega na sua pontuação geral de populismo, porém, como só este elemento

está presente, o partido não pode ser caracterizado como populista.

Dessa forma, o método desenvolvido por March (2018) exige um livro de códigos com três índices correspondentes aos elementos do discurso populista: povo-centralidade, antielitismo e soberania popular, todos eles precisando estar presentes para caracterizar um texto como populista. A análise revela, também, que em momentos de “pico” de utilização de discurso demótico, os partidos *mainstream* marcam mais na pontuação geral, enquanto os partidos populistas se mantêm estáveis. As principais contribuições dessa metodologia para os estudos do caso britânico são, primeiramente, a capacidade de classificar qualitativamente o discurso populista e o demótico, fornecendo uma base sólida para que esses não sejam confundidos. Em segundo lugar, a análise mostra que os partidos tradicionais não tendem a se tornar mais populistas com o tempo, independentemente do contexto socioeconômico ou político.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

Outros métodos buscam em discursos e falas dos próprios políticos ou candidatos as evidências capazes de mensurar o grau de populismo desses atores. Assim, Grbeša e Šalaj (2018) se propõem a abandonar a dicotomia entre populista ou não, adotando uma gradação de intensidade. O populismo pode variar entre um nível leve, com apenas retórica populista, até um extremo, caracterizado como ideologia. A ideologia populista é marcada pelo sentimento anti-elite e veneração do povo puro (Mudde, 2004).

O discurso populista também centraliza a ideia de povo, mas não necessariamente o antagonismo com as elites (Mudde, 2004). Para classificá-lo, identificam-se referências ao “povo”, uso de experiências individuais, construção de uma imagem de pessoa comum, linguagem informal e valores vagos ou universais. Outra variável que a pesquisa busca encontrar consiste em definir “os outros perigosos”, grupo homogêneo que, no discurso populista, é responsabilizado pelos problemas da nação. Esses, por sua vez, não definem o populismo, mas qualificam subtipos; nacionalista, de esquerda, da ideologia populista.

Assim, o estudo realizado por Grbeša e Šalaj (2018) abrange entrevistas de políticos clássicos e considerados populistas em disputas eleitorais locais de 2009 e 2013, além de entrevistas de quatro candidatos presidenciais em 2015. Busca-se identificar nos discursos: i) Referência ao povo como coletividade homogênea e identificação explícita com este; ii) Referência à elite política, valores incorporados e posição de pertencimento ou não e ; iii) Presença e identificação de grupos considerados perigosos.

Sendo assim, o resultado encontrado nos discursos de 2009 e 2013, foram encontrados fortes indícios de discursos populistas e quatro candidatos com indícios elevados de aproximação ideológica com populistas, divididos em populismo de esquerda/centro-esquerda e populismo moralista contra a corrupção, sem ódio declarado às minorias. Nas eleições de 2015, havia dois candidatos fortes com características populistas baseadas em uma visão dualista do sistema político, percebendo-se como outsiders. Um via a elite no sistema financeiro e grupos econômicos estrangeiros, e o outro era nacionalista, defendendo uma nova Croácia sem rancor contra grupos perigosos como estrangeiros ou minorias étnicas. Outro candidato não tinha discurso anti-elite, mencionando ape-

nas uma nova Croácia e conexão com o povo através da simplicidade e experiência individual. O vencedor foi um candidato mainstream, e apenas um dos populistas teve um resultado positivo, com forte discurso anti-elite.

Diferencia-se o discurso populista da ideologia pelo sentimento anti-elite. Os grupos perigosos e valores vagos são importantes para diferenciar ideologias populistas (direita vs. esquerda). Como o populista se refere ao povo também ajuda a caracterizar o subtipo.

SURVEYS COM ESPECIALISTAS

Wiesehomeier (2018) explora a utilização de *surveys* para mensurar o populismo no contexto do sistema multipartidário da América Latina. Esse método consiste em uma análise simultânea do grau de populismo em diferentes atores políticos, possibilitando uma comparação mais robusta entre eles. A utilização da pesquisa com especialistas possibilita flexibilidade no entendimento e percepção que os estudiosos têm sobre o tema, o que, no caso do populismo culmina em duas opções: i) na visão do fenômeno como um pacote de atributos de diferentes domínios; ii) como um composto de diferentes características que podem ser exploradas para além de uma dimensão (Wiesehomeier, 2018).

Os resultados indicam que, na América Latina, o populismo não se associa a políticas sociais, mas está relacionado a uma visão econômica redistributiva, preferências por medidas rigorosas contra o crime e uma rejeição a laços estreitos com os Estados Unidos. A pesquisa utiliza uma abordagem combinada e uma desagregada para analisar a comunicação política e as dimensões socio-culturais do populismo.

A primeira abordagem captura a complexidade do fenômeno como um pacote de atributos, enquanto a segunda permite uma individualização das características populistas, oferecendo uma perspectiva mais detalhada sobre como esses elementos se manifestam em diferentes contextos políticos, especialmente aqueles nos quais as relações do populismo são mais sutis. Com isso, o estudo contribui para um entendimento mais nuançado do populismo na região, destacando a importância de considerar tanto as dimensões coletivas quanto as individuais na análise dos atores políticos (Wiesehomeier, 2018).

SURVEY DE OPINIÃO PÚBLICA

Van Hauwaert, Schimpf e Azevedo (2018), trazem à luz a pesquisa sobre o populismo a partir de uma outra ótica; eles procuram em seu trabalho discutir as formas de medir as atitudes populistas, ou pensamentos populistas, através de *surveys* de opinião pública, buscando também sugerir um aprimoramento dessas formas. Os autores convergem a ideia de que o populismo é um fenômeno ideacional (Mudde, 2004), podendo ser estudado para além do lado da oferta (partidos e líderes populistas), ou seja, estudar o populismo, também, sob a perspectiva da demanda (eleitores com pensamentos populistas).

No entanto, os autores destacam que as medidas utilizadas para a pesquisa da demanda são, ainda, imprecisas. É possível notar que a preocupação dos autores se centra na falta de um padrão e

na pouca confiabilidade no que toca as escalas utilizadas na medição, eles sugerem uma abordagem mais rigorosa, que seja capaz de capturar essas atitudes populistas no público.

A pesquisa sobre o tema é fortemente concentrada no lado da oferta, o que negligencia os aspectos no que diz respeito à demanda por populismo, sendo essa uma questão apontada por Van Hauwaert, Schimpf e Azevedo (2018). O argumento exposto por eles advoga em favor da importância de se medir o populismo como um fenômeno individual, no qual os eleitores expõem seus pensamentos populistas em diferentes intensidades. Analisando criticamente, trata-se de uma contribuição importante, tendo em vista que tal abordagem pode colaborar a compreensão do apelo populista; talvez, fornecendo um impulso para que se possa estudar mais as implicações práticas que o foco na demanda pode trazer, como essas atitudes populistas se transformam em votos ou em apoio aos populistas.

Discorrendo mais a respeito do assunto, pode-se destacar, como coloca Van Hauwaert, Schimpf e Azevedo (2018), a falta de um consenso sobre como se mensurar o populismo em pesquisas de opinião pública. Segundo eles, as escalas que existem enfrentam dificuldades ao tentar capturar os extremos no espectro populista e alguns itens podem até se apresentarem como redundantes, acabando por medir aspectos muito similares. A partir da identificação dessas limitações para mensurar tanto a aversão ao populismo quanto a adesão ao mesmo, pode se imaginar possíveis caminhos para superar esses limites.

Eles propõem o uso da Teoria de Resposta ao Item (TRI) para analisar a eficácia das escalas e dos itens de pesquisa apresentados na medição das atitudes populistas. A TRI se apresenta como um modelo mais vantajoso, pois é capaz de medir a precisão dos itens em distintos níveis da variável latente. Utilizar a TRI é uma alternativa metodológica robusta, principalmente por tornar possível uma avaliação mais refinada de como cada item pode colaborar para a medição geral. “Os modelos da TRI oferecem a vantagem adicional de determinar a contribuição de cada item em termos da informação que fornecem sobre o construto latente” (Hauwaert; Schimpf; Azevedo, p. 135, 2018).

O trabalho dos autores revela que a medição do populismo muda de acordo com o contexto, ou seja, um item que apresenta eficácia em um país pode não repetir o mesmo resultado em outro. Essa variação dos itens conforme o contexto é uma colocação significativa, sobretudo quando se trata de um mundo no qual o populismo assume diferentes formas.

Van Hauwaert, Schimpf e Azevedo (2018) destacam que a importância da construção de escalas e itens que estejam adaptados para cada contexto cultural, econômico, social e político é essencial. Eles citam as medidas do *Latin American Public Opinion Project* (LAPOP) como exemplo, pois foram criticadas por vários motivos, dentre eles, estavam a falta de clareza na definição de populismo, problemas com a tradução das perguntas em diferentes línguas e as diferenças culturais que podem afetar a interpretação das respostas. O uso da Teoria de Resposta ao Item (TRI) é sugerida pelos autores como um novo paradigma, que pode vir a ter mais sucesso nas pesquisas de opinião pública. A TRI considera como cada pessoa responde a cada item e usa essa informação para estimar o quanto ela sabe ou tem a habilidade que está sendo medida.

Van Hauwaert, Schimpf e Azevedo (2018), verificam em suas conclusões que as escalas existentes para se medir o populismo se encontram ainda “em sua infância”, os itens utilizados nas mesmas não alcançam capturar a complexidade do fenômeno. Nas palavras deles, “A medição exata, parcimoniosa e abrangente das atitudes populistas está ainda a dar os primeiros passos” (Hauwaert; Schimpf; Azevedo, p. 142, 2018).

É notório que os autores fornecem uma análise sólida das dificuldades enfrentadas no que diz respeito à medição de atitudes populistas como fenômeno individual e colaboram para área estudada propondo uma metodologia mais precisa, a TRI. Tal abordagem necessita de uma adaptação cuidadosa nos diferentes contextos culturais e políticos em que pode vir a ser aplicada. Desse modo, o estudo do populismo no lado da demanda ainda é bastante complexo, mas crucial para a compreensão desse fenômeno no que diz respeito aos indivíduos.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

O populismo tem sido alvo de intensos debates acadêmicos, envolvendo diversas perspectivas na tentativa de definir e compreender este fenômeno político complexo. Com raízes teóricas variadas, o populismo é frequentemente descrito como uma narrativa de oposição entre um “povo puro” e uma “elite corrupta”, sendo influenciado por fatores socioeconômicos, estratégicos e culturais (Hawkins Carlin, Littvay, McCoy e Kaltwasser, 2018). Além de ser interpretado como uma ideologia (Mudde, 2004) a, o populismo também é estudado sob ângulos econômicos, estruturais e político-estratégicos, refletindo tanto as suas causas como as suas consequências (Cassimiro, 2021). Os autores de ***The Ideational Approach to Populism*** exploram essas diferentes abordagens, examinando o papel do contexto, da organização, das instituições e da mídia na propagação do populismo, além de analisar as suas implicações para as democracias modernas.

O livro apresenta várias perspectivas sobre o populismo. A abordagem inicial descreve-o como um conjunto de ideias que retrata a política como uma batalha maniqueísta entre a vontade popular e uma elite conspiradora, com três características principais: uma visão moral polarizada, a concepção do povo como uma entidade homogênea e virtuosa, e a representação da elite como corrupta. Para que um movimento seja totalmente populista, estes elementos devem estar presentes, indo além de meras posições *anti-establishment* ou defesa da soberania popular.

Outras perspectivas incluem uma abordagem econômica, que sublinha a irracionalidade dos cidadãos e os efeitos negativos do populismo nas políticas macroeconômicas, sugerindo que este pode levar à negligência das consequências a longo prazo de certas reformas. Há ainda uma análise estruturalista, que liga o surgimento do populismo a transformações socioeconômicas, resultando na mobilização de populações marginalizadas por atores populistas. A abordagem político-estratégica foca no uso eficaz das ideias populistas por líderes carismáticos, que estabelecem um vínculo direto com o povo.

O texto também explora o papel do contexto no desencadeamento das atitudes populistas, notando que estas tendem a emergir em cenários de falhas na representação democrática. Fatores como a corrupção e a fraca representatividade são destacados como elementos contextuais que favorecem o sucesso do populismo. A importância do enquadramento é igualmente abordada,

mostrando como os populistas moldam percepções de crise de representação como conspiração. Embora tenha havido progressos na identificação destes quadros interpretativos, são necessárias provas mais consistentes.

A liderança carismática é identificada como um fator associado ao êxito do populismo (Mudde, 2004), mas faltam estudos empíricos sobre o impacto exato da liderança. Em termos de instituições formais e meios de comunicação, o texto sugere que, embora certos sistemas eleitorais possam limitar o avanço populista, fatores como a demanda por populismo são fundamentais.

Para medir o impacto do populismo, o artigo salienta o uso de análises textuais assistidas por computador como uma ferramenta promissora. Além disso, sugere o reaproveitamento de métodos existentes para estudar tanto as elites quanto as massas, com particular foco nas redes sociais, que podem ajudar a compreender o impacto do populismo na polarização política. Métodos etnográficos, pouco explorados, são apontados como valiosos para entender as motivações individuais para o apoio ao populismo, ilustrados por estudos sobre o Chavismo e o apoio a Scott Walker nos EUA.

Em relação às consequências do populismo, o texto sublinha tanto os seus efeitos negativos sobre a democracia liberal, como o aumento da polarização, quanto os seus potenciais benefícios, como uma maior participação democrática. Entre as implicações políticas, é destacada a necessidade de desenvolver estratégias para mitigar os impactos negativos do populismo, dado que os líderes populistas tendem a dividir a sociedade e enfraquecer a democracia liberal. O texto propõe que uma adaptação institucional, focada nas necessidades políticas do contexto, pode ser mais eficaz do que barreiras formais para conter o populismo. Ademais, sugere-se que validar as exigências populistas deve passar por combater a corrupção e melhorar a responsividade dos líderes políticos.

O populismo traz desafios como a polarização, que enfraquece a governança democrática e mina o centro político. A resposta a estes desafios inclui a promoção de uma educação cívica, maior transparência e a despolitização dos meios de comunicação, de forma a proteger as instituições democráticas.

CONCLUSÃO

Ao longo do texto, observamos diferentes abordagens para a análise do populismo, ilustrando sua complexidade e suas múltiplas dimensões. Os diversos métodos de análise foram apresentados como formas de mensurar e caracterizar o populismo em diferentes contextos. Esses métodos têm papel crucial para desvendar o modo como o populismo opera, tanto em manifestações explícitas nos discursos, quanto nas atitudes individuais e coletivas em relação a temas populistas. O texto explora como o populismo, embora complexo e multifacetado, pode ser medido e analisado sob diferentes métodos para capturar sua presença, tanto entre líderes, quanto entre a população.

Abordagens como a de March (2018) enfatizam a importância de critérios rigorosos para identificar o populismo, distinguindo-o de discursos demóticos que apenas tangenciam o fenômeno. Ao passo que as abordagens graduais, como a aplicada ao contexto croata, revelam a necessidade de adaptar a análise à intensidade e às diferentes manifestações do populismo.

A pesquisa de Wiesehomeier (2018) demonstra que os surveys de especialistas são ferramen-

tas valiosas para avaliar a intensidade e as características do populismo, ao mesmo tempo em que apontam suas limitações e as oportunidades de aprimoramento, especialmente na América Latina. Combinando abordagens integradas e desagregadas, os estudos sobre populismo oferecem visões detalhadas das dinâmicas políticas, sejam elas observadas na América Latina ou no Reino Unido.

Contribuições teóricas como a Teoria de Resposta ao Item (TRI) revelam a necessidade de refinar as ferramentas para capturar com precisão as nuances do populismo, respondendo ao desafio de medir um fenômeno que se manifesta de forma distinta em cada contexto político e cultural.

No conjunto, essas análises refletem que a evolução do estudo do populismo requer flexibilidade metodológica e uma adaptação contínua aos contextos culturais e políticos, a fim de captar a profundidade e as nuances desse fenômeno. Além disso, destaca-se que o populismo possui impactos complexos e ambivalentes sobre a democracia, tanto no fortalecimento de vozes sociais, quanto no desafio às normas democráticas tradicionais. Em suma, o estudo fornece uma base metodológica e analítica robusta para avançar na compreensão do populismo, enfatizando a importância de considerar tanto a demanda quanto a oferta populista para interpretar seu impacto na política contemporânea.

REFERÊNCIAS

- GRBEŠA, M. & ŠALAJ, B. **Textual analysis: An inclusive approach in Croatia.** In: *The Ideational Approach to Populism*. Londres: Routledge, 2018. p. 67-85.
- HAWKINS, K. A.; CARLIN, R.; LITTVAY, L.; MCCOY, J.; KALTWASSER, C. R. **Conclusion: The ideational approach.** In: *The Ideational Approach to Populism*. Londres: Routledge, 2018. p. 419-437.
- MUDDE, Cas. **The populist zeitgeist. Government and opposition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004. v. 39, n. 4, p. 541-563.
- MARCH, L. **Textual analysis: The UK party system.** In: *The Ideational Approach to Populism*. Londres: Routledge, 2018. p. 49-66.
- VAN HAUWAERT, S. M.; SCHIMPF, C. H.; AZEVEDO, F. **Public opinion surveys: evaluating existing measures.** In: *The Ideational Approach to Populism*. Londres: Routledge, 2018. p. 128-149.
- WIESEHOMER, Nina. **Expert surveys.** In: *The Ideational Approach to Populism*. Londres: Routledge, 2018. p. 90-111.
- WEYLAND, K. **Democracy's resilience to populism's threat: Countering global alarmism.** Cambridge: Cambridge University Press, 2024.

O POPULISMO NA AMÉRICA LATINA E EUROPA: PARTICIPAÇÃO OU CORROSÃO DEMOCRÁTICA?

Bianca de Arruda(1)

Danillo Gustavo da Nóbrega(2)

Francisco Pires Isaac Ofugi(3)

João Veigas dos Santos Junior(4)

Maria Clara Miranda Pereira(5)

RESUMO: O presente artigo visa oferecer uma revisão de literatura que contemple os principais autores contemporâneos dedicados a investigar as formas de interação do populismo com a democracia liberal. A partir das contribuições da teoria da democracia representativa sobre a democracia liberal, busca-se, com a exposição de estudos acerca da capacidade de infiltração do populismo nas instituições democráticas através de seus mecanismos políticos e eleitorais, refletir sobre o caráter responsivo da democracia liberal e sua relação com a crescente de sentimentos de insatisfação, autoritarismo e desconfiança, que acabam sendo alimentados por políticos populistas e utilizados, ou não, para a corrosão da democracia.

Palavras-chave: Populismo; democracia liberal; participação política; Autoritarismo; América Latina; Europa

(1) Bacharel em Ciência Política (UnB)

(2) Graduando em Ciência Política (UnB)

(3) Graduando em Ciência Política (UnB) e Direito (UniCeub)

(4) Graduando em Ciência Política (UnB)

(5) Graduanda em Ciência Política (UnB)

INTRODUÇÃO

A relação do populismo com a participação é fundamental para a análise da ascensão de líderes populistas. Isto porque o populismo pressupõe a participação como um meio para a consecução de seus objetivos políticos, estimulando que os cidadãos corroborem suas narrativas de modo a conferir legitimidade a elas, ignorando, por vezes, os intermediários tradicionais. Neste sentido,

observar esta relação e seu conteúdo — positivo ou negativo — se faz de extrema importância, considerando o surgimento das variedades de populistas no mundo nos últimos anos.

Em contraposição às formas mais diretas de participação propostas pelo populismo, temos a democracia liberal, que instituiu uma série de procedimentos necessários para a canalização da participação popular, como, por exemplo, a representação partidária. Assim, é tradicional que a arena legislativa seja o ambiente onde as demandas populares encontrem direção. Esses procedimentos de intermediação partidária também podem variar com mecanismos de ordem mais direta, como referendos e plebiscitos, ou proposições de iniciativa popular (com um quórum estabelecido), como no caso brasileiro.

A forma liberal da democracia se tornou uma espécie de norma entre as nações do mundo, principalmente a partir do pós-guerra, o que significou um avanço, já que isso popularizou a concepção de que o povo deveria participar cada vez mais das decisões. Contudo, a participação, limitada a períodos eleitorais, se tornou um fim em si mesma, funcionando mais como uma disputa entre facções do que um canal aberto para os cidadãos, enquanto outras formas de participação mais qualitativas foram deixadas de lado e vistas como utópicas, visto que não dariam conta de fatores como a densidade populacional das nações, sua estrutura organizativa e a inexistência de uma cultura associativa em muitos países. Desta forma, a democracia liberal pode ser vista como limitadora da participação dos cidadãos e concentradora do poder nas mãos de uma elite política (Pateman, 1970).

A partir destes limites presentes na democracia como adotada, surgem crises de legitimação, como escândalos de corrupção e a incapacidade de responder a consideráveis problemas sociais, que podem ter possibilitado a ascensão de líderes populistas - já que estes se caracterizam pela crítica ao establishment vigente na sociedade. Consequencialmente, os efeitos do empoderamento de tais lideranças agora se manifestam ao redor do globo como chave explicativa para a chamada crise da democracia, sintomática em processos como nacionalismo, exclusão e ataque de minorias sociais e étnicas e no crescimento de sentimentos contra o sistema e as instituições políticas (Cassimiro, 2021).

Diante dos fatos apresentados, o presente texto visa oferecer uma base sólida para o debate referente às consequências do populismo para a democracia a partir das análises sobre a forma em que se dá a ascensão dos políticos populistas, e fortalecidos pelas contribuições da teoria da democracia representativa. Especificamente, debateremos os textos de Aguillar e Carlin (2018), no qual estabelecem a relação entre populistas e a mobilização de personalidade autoritária no processo eleitoral, e de Ruth-Lovell, Lührmann & Grahn (2019), que buscam diagnosticar o impacto de governos populistas nas instituições democráticas e em componentes participativos.

CANDIDATOS POPULISTAS E ELEITORES AUTORITÁRIOS

O conceito de personalidade autoritária foi introduzido pela primeira vez por Theodor Adorno, sociólogo e expoente da escola de Frankfurt, em 1950 na obra *A Personalidade Autoritária Ontem e Hoje*, e tem sido expandido por diversos outros autores desde então. De tal forma, a personalidade autoritária se define por uma alta conformidade aos valores sociais vigentes, pela necessidade de ordem e um apreço por lideranças fortes e estáveis (Aguillar; Carlin, 2018, p. 397). Portanto, são

peças que reagem mal a mudanças de qualquer tipo nos valores aceitos pela sociedade e anseiam pela manutenção e recrudescimento da moral e ordem social referentes ao status quo ao qual foram introduzidas em seus anos de formação.

A personalidade autoritária, como descrita na teoria, tem uma ligação direta com o populismo de forma que se espera que estes tipos tendam a se acoplar a populistas de direita e conservadores por acreditarem que eles podem, possivelmente através do autoritarismo, restaurar o status quo afetado pelas mudanças sociais ou por eventuais crises. Um exemplo deste fenômeno seria o movimento "Make America Great Again" encabeçado por Donald Trump e que traz em seu próprio nome esse desejo de retornar a um status quo considerado ferido. Por outro lado, estas pessoas rejeitariam os políticos de esquerda em geral por comumente proporem mais mudanças na sociedade ao invés do retorno aos valores tradicionais (Aguillar; Carlin, 2018, p.399).

Aguilar e Carlin (2018) em *Populist voters: The role of voter authoritarianism and ideology* propõem, a partir da conceituação existente em torno da personalidade autoritária, um experimento com o objetivo de determinar se a associação entre eleitores autoritários e candidatos populistas  válida tanto para políticos de direita quanto de esquerda ou se estes eleitores de fato rejeitam as ideias de esquerda como ameaças ao status quo, mesmo que apresentadas em um enquadramento populista.

Para tanto, os pesquisadores mediram a reação do eleitorado chileno identificado como tendo a predisposição autoritária diante de dois enquadramentos da mesma candidata, Roxana Miranda, uma populista de esquerda que se apresentava ao pleito presidencial de 2013 em meio a uma grave crise na democracia do país, marcada pelo envolvimento das elites políticas tradicionais em esquemas de corrupção, ou seja, a conjuntura clássica para a ascensão de líderes populistas. Sendo assim, foram recrutados 605 eleitores chilenos, dos quais metade foi exposta a um vídeo da candidata no qual ela realiza um discurso de enquadramento populista, apresentando uma contraposição entre elite corrupta e povo puro, e a outra metade a um trecho no qual ela realiza uma fala sem esse enquadramento, ambos, contudo, claramente veiculando uma mensagem ideologicamente de esquerda. Após isso, se coletou dados quanto  intenção de votos na candidata. (Aguillar; Carlin, 2018, p. 400-403)

Com o fim de identificar quais respondentes possuíam inclinações autoritárias, também foi realizada a seguinte pergunta sobre valores importantes na criação de crianças:

Pensando nas qualidades que as crianças podem ser incentivadas a aprender em casa, se você tivesse que escolher, quais você considera as cinco mais importantes que as crianças aprendam? E dentre as escolhidas, numere-as em ordem de importância onde 1 é o menos importante e 5  o mais importante.

Boas maneiras
Independência
Sentimento de responsabilidade
Imaginação
Obediência
Estar limpo e arrumado
Curiosidade

Destas qualidades, eleger obediência e boas maneiras indicavam a predisposição autoritária, enquanto imaginação e independência apontam para uma postura libertária.

A partir dos dados coletados, o estudo aponta que os autoritários rejeitaram a candidata demonstrando pouco ou nenhum interesse em elegê-la, independentemente de terem assistido ao corte com ou sem o enquadramento populista. Além disso, quando questionados se Miranda era uma boa líder, os entrevistados autoritários que assistiram ao enquadramento populista a avaliaram mais negativamente do que aqueles do outro grupo. (Aguillar; Carlin, 2018, pp.404-409)

Levando em conta os resultados do experimento realizado por Carlin e Aguilar (2018), possui-se base empírica para afirmar que a relação entre políticos populistas e eleitores autoritários é condicionada pela ideologia adotada pelo candidato, não sendo um fenômeno constante para todo o espectro político-ideológico. Ademais, a avaliação da liderança de Roxana Miranda demonstra que autoritários podem ser refratários ao discurso populista a depender da ideologia do populista e a ameaça ao status quo que ele representa.

Apesar do experimento entregar resultados pertinentes quanto ao seu objetivo de testar a relação entre a personalidade autoritária e populistas, é importante destacar alguns pontos fracos da conclusão apresentada. Primeiramente, apesar de fundamentada e indicativa da predisposição autoritária, o emprego de apenas uma única pergunta para avaliar o perfil dos respondentes deixa a desejar. Também é um tanto quanto problemática a escolha do caso, pois a candidata escolhida, Roxana Miranda, obteve apenas 1,27% dos votos no pleito presidencial de 2013, colocando em xeque os resultados obtidos, já que a variável observada era exatamente a intenção de voto. Desta forma, a aplicação dos resultados ao contexto geral é duvidosa, mas não deixa de ser um estudo de caso pertinente para a compreensão da mobilização da identidade por parte de populistas.

O SUCESSO DE ELEITORAL DE PARTIDOS POPULISTAS

O populismo é tipicamente visto como uma chamada para mudança sistêmica, retirando a política dos moldes tradicionais e trazendo-a de volta para as mãos do povo, e é associado a cenários de crise, os quais são representados de diferentes formas a depender da região, mais especificamente na Europa e América Latina. Razões que levam ao populismo envolvem algum formato de mudança social que move grupos para a marginalização, crises econômicas concluindo em insatisfação populacional, corrupção generalizada e má governança, é importante, entretanto, manter em mente a limitação empírica do estudo realizado apenas nos continentes citados. Bruno Castanho Silva, o autor do capítulo "Populist success: a qualitative comparative analysis", do livro *The Ideational Approach to Populism*, procura entregar uma resposta-teste para quais combinações de causas a macro-nível levaram para o sucesso eleitoral de partidos populistas e quais padrões e combinações sociais acarretaram para esse cenário.

Dentro dessa perspectiva, Castanho Silva (2018) discute que a perda absoluta de confiança dos cidadãos em instituições políticas, um fenômeno a nível individual que é engatilhado por contextos factuais marcados por representação política disfuncional, má governança e conluio de elite, caracterizam-se como inegociáveis para as causas imediatas para apoio de populistas.

O autor defende que os resultados populistas são conectados a ideias populistas, a explicação foca em como o conjunto proposto de causas leva indivíduos a ver a politicagem como um contraste entre oposição moral e elites ruins. Propondo que esse discurso, marcado pela negatividade

do povo com o sistema político inteiro, fomenta um desejo pela reinvenção de instituições políticas, ressoando através da insatisfação com tais instituições, emergindo pelo populismo angariado pelas falhas na representação democrática, perdendo a confiança da população nas instituições representativas.

Especificamente, Castanho Silva afirma que a corrupção generalizada, junto com falhas nas políticas, levam a sociedade a rejeitar o estabelecimento político e desejar por sua renovação. Conjuntamente, a falta de responsabilidade dos partidos governantes, onde forças políticas se distanciam do eleitorado, pois convergem a um centro tecnocrático ou cedem soberania para forças econômicas globais, alimentando um censo abrangente de falta de representação popular nacional contribuem para a quebra dessa espiral por partidos populistas através da politização de problemas que estavam na discussão pública e abordando preocupações reais de eleitores ignoradas por partidos políticos mainstream.

Enquanto o argumento lida com atitudes populistas, pode ser traduzido para uma perspectiva mais geral, se a raiz da causa de apoio populista é desconfiança institucional, então deve ser relacionada para o resultado central de comportamento, portanto, para Castanho Silva, o apoio eleitoral para com populistas, as condições que levam os indivíduos a abraçarem tais partidos está diretamente ligado a esses fatores.

Populismo na América Latina.

Avaliando o caso da América Latina, ainda a partir da obra “Populist success: a qualitative comparative analysis”, do livro *The Ideational Approach to Populism*, é perceptível como a má governança tomou um papel estelar na ascensão do populismo na região. Para a corrupção, Castanho Silva (2018) usa a medida *Corruption Perceptions Index*, o qual olha os dados distribuídos e avalia a performance governamental, levando em consideração como os governos desempenham seus papéis, pontos como infraestrutura, serviços públicos e sociais, burocracia e serviço civil. Além disso, o conluio de elite também é avaliado pelo autor, informando-se, antes das eleições codificadas, o governo estudado realizou uma coalizão com partidos de direita e centro-esquerda, em casos de grandes coalizões, onde dois ou mais partidos grandes são aliados em governabilidade, eleitores podem considerar que votar para um ou outro não faz diferença.

Um exemplo de coalizão foi o governo do Partido dos Trabalhadores, no Brasil, cuja coalizão envolvia partidos conservadores pequenos, como Partido Progressista e o Partido Republicano Brasileiro. Adicionalmente à corrupção alta e coalizões, a falta de recessão econômica e jovialidade da democracia explicam os mesmos fatores, incluindo países como Argentina, Bolívia, Equador, México, Peru e Venezuela. Tais grupos de populismo na América Latina traduzem o sucesso de Evo Morales, Rafael Correa, Andrea Manuel López Obrador, Ollanta Humala e Nicolás Maduro. Esse caminho confirma outros achados sobre esses casos, como o sucesso populista em um cenário de prosperidade econômica, ou falta de uma crise econômica, entretanto, que mesmo assim causa erupção na confiança pública na classe política (Castanho Silva, 2018).

O que o estudo também demonstra é uma falta de coalizões anteriores à eleição analisada. Nesses casos, o sucesso do populismo não foi associado com o sistema de partidos onde forças líderes se tornaram aliadas, explicação que pode se aplicar melhor a crises de representação na Eu-

ropa, de certa maneira, foi o sucesso do populismo na região que refletiu o sucesso do partido na liderança. Essas condições contribuíram para o populismo outsider e o mantimento de poder, demonstrando a complexidade do assunto e desafiando a noção de sucesso populista apenas graças ao voto contra governos corruptos ou elites em governo, um fenômeno perceptível e a ser discorrido, no estudo de partidos europeus populistas da oposição.

Populismo na Europa

Dentro do contexto europeu, é destacada a importância de mudanças sociais trazidas pela globalização e reestruturação de clivagens políticas, que levaram ao aumento de um desejo e pensamento social pelos “velhos tempos”, entre grupos sociais que perderam prestígio e empregos, cuja maioria são trabalhadores braçais. Tal explicação, todavia, não se aplica à América Latina, já que os setores historicamente reconhecidos por populistas são aqueles que estão ou sempre foram marginalizados. Por outro lado, razões aplicáveis à América Latina, como alta corrupção, são difíceis de vender em vários casos europeus mais relevantes.

À Áustria, Holanda, Suíça e Grécia foi suficiente haver uma falta de presidencialismo e falta de recessão econômica, em conjunto a uma grande coalizão, formando a condição necessária para o sucesso do populismo. A situação econômica era irrelevante, a ausência de recessão no ano anterior à eleição foi uma condição imprescindível, facilitadores institucionais não se mostraram demasiadamente significantes, a falta de presidencialismo é presente como uma condição e a representação proporcional é ausente na equação. Em oposição à América Latina, indicadores de má governança não estão incluídos sem corrupção ou governança ineficiente. A desconexão entre elites políticas e massas que dão ascensão ao populismo vem de outra fonte que é a falha na prestação de contas da representação política, ou accountability.

Um terceiro caminho incomum pode ser estudado na Espanha, a falta de presidencialismo, aumento de desemprego e ser uma democracia jovem, levaram ao populismo. A situação fora da curva do país se destaca ainda mais pela falta de uma grande coalizão anterior às eleições onde populistas foram bem-sucedidos. Porém, o fator de maior relevância se mostra na falha dos dois grandes partidos no governo em trazer o país à ascensão econômica pré-recessão de 2008. Conjuntamente, não se trata de um governo corrupto e ineficiente, que o equipara completamente à América Latina, principalmente por não possuir um sistema presidencial, utilizando da representação proporcional para a eleição na câmara baixa, equivalente à câmara dos deputados.

Percebe-se que as atitudes populistas permanecem adormecidas entre o público e, através do enquadramento, podem ser ativadas dadas as condições contextuais corretas. A teoria sugere que as condições que levam os indivíduos a perderem completamente a confiança nas instituições políticas, como os casos europeus dissertados, estão ligadas com buracos na representação política e assumem diferentes formas: corrupção, ineficiência do Estado e representação política inadequada por parte dos partidos governantes (Castanho Silva, 2018).

Das Diferenças e Semelhanças Entre os Contextos Apresentados

Se tratando do fenômeno do populismo, é necessário ressaltar que, apesar das caracterís-

ticas comuns que cercam todos os populistas, existe um conjunto de circunstâncias que diferem a conjuntura dos dois continentes. Primeiramente, a recente onda de novos líderes populistas sucede a crise mundial da democracia conjurada por sua incapacidade de remediar os danos materiais impostos pela crise financeira de 2008, sendo esse o motivador principal da demanda por populistas e um fator que assemelha as realidades da Europa e América Latina (Fraser, 2018).

Ao mesmo tempo, as discrepâncias são múltiplas. Além dos evidentes contextos social e histórico dos continentes, cabe destacar, por sua centralidade para o discurso populista, os fatos mobilizados com o fim de reunir o povo em torno de uma liderança. Quanto à Europa, a política migratória e a relação com a União Europeia foram centrais para a ascensão de populistas tanto de direita quanto de esquerda em países como Inglaterra, Grécia, Hungria e diversos outros. Enquanto, na América Latina a corrupção foi um dos principais fatores que comprometeram lideranças tradicionais na região em favor de populistas (Weyland, 2024).

Neste sentido, concluímos que apesar da existência de um contexto macro que une os fenômenos de ascensão de líderes populistas ao redor do globo, é fundamental prestar a devida atenção aos fatos locais que são aproveitados por estes políticos na construção da figura do inimigo e do povo puro no sentido de estabelecer a dicotomia que é cerne do discurso populista.

A DICOTOMIA DO POPULISMO: ENTRE A MOBILIZAÇÃO POPULAR E A CORROSÃO DEMOCRÁTICA

Sendo assim, analisaremos brevemente casos tidos como positivos e negativos de governantes que procuraram driblar essas formas processuais tradicionais, por vezes omissas, e que nem sempre podem representar um risco para a democracia do país como um todo, fazendo-se notar uma certa ambiguidade quanto ao impacto populista na relação entre instituições como os parlamentos e a sociedade.

Os casos são os de Jair Bolsonaro, no Brasil, onde o então presidente fomentava narrativas negativas relacionadas aos meios tradicionais de representação e às instituições fiscalizadoras, como o TSE e o STF. As ações populistas de Bolsonaro culminaram em uma invasão de seus apoiadores à sede dos três poderes após a posse do presidente eleito Luís Inácio Lula da Silva, em uma clara tentativa de reversão do resultado eleitoral desfavorável a ele.

Nos Estados Unidos, Donald Trump também adotou narrativas anti-institucionais semelhantes que visavam reverter o resultado eleitoral do pleito que declarou Joe Biden como vencedor na ocasião. Ele estimulou seus apoiadores a irem contra a sede do Parlamento norte-americano. Por fim, temos o caso do atual presidente colombiano, Gustavo Petro, que, apesar das constantes tentativas de formar uma base governamental, não obteve o sucesso que esperava pelas vias tradicionais. E, com isso, o presidente decidiu recorrer a seu eleitorado para apoiá-lo em seus projetos que não avançaram no parlamento colombiano, driblando assim o processo tradicional liberal.

Em todos esses casos, é observável a recusa dos meios tradicionais de representação e sua forma processual. No entanto, nos casos de Trump e de Bolsonaro, o teor das mobilizações é indiscutivelmente corrosivo para a democracia. No caso de Petro, não se observa tal movimento, visto

que o presidente visa desenvolver um apoio popular para seus projetos, que estão sendo travados pela ausência de maioria parlamentar e que não contém nenhum tipo de agressão à democracia.

A ambiguidade aqui levantada quanto ao impacto populista na democracia foi objeto de estudo de Kurt Weyland (2024). O autor quis “desmistificar” o impacto negativo do populismo sobre a democracia de uma maneira universal. Ele argumenta que os danos potenciais do populismo dependem de muitos fatores e que a eleição de um líder populista não significará necessariamente a previsão de declínio democrático (Weyland, 2024).

Assim, uma liderança populista que não consegue dialogar com um legislativo intransigente ideologicamente e, portanto, não consegue aprovar seus projetos, e por isso recorre às massas para impulsionar as instituições, este movimento pode ser considerado corrosivo em todos os casos? E como fica a dimensão participativa nesta questão? Para tentarmos avaliar esta questão, observamos um artigo do Instituto V-Dem, que busca mensurar o impacto populista sobre seus índices de democracia, dividindo o conceito de democracia em cinco componentes para observar o seu aumento ou a sua diminuição ao longo dos anos e em diferentes conjunturas. São eles:

1.Índice de democracia eleitoral: observa a existência e a qualidade das eleições livres, a liberdade de associação e o acesso a fontes alternativas de informação.

2.Índice de componente liberal: procura captar as restrições ao Estado e ao governo sobre as minorias e a proteção das liberdades individuais. Observa também as restrições horizontais ao poder executivo (judiciário e legislativo).

3.Índice de componente deliberativo: observa como estão se dando as capacidades de construção de um consenso que vise o bem-estar de todos os grupos a partir de uma deliberação racional sobre os assuntos públicos.

4.Índice de componente participativo: preocupa-se em apontar os graus de envolvimento dos cidadãos no governo, seja no âmbito local ou nacional. Observa também os aspectos organizacionais da sociedade civil.

5.Índice de componente igualitário: procura medir o nível de acesso aos recursos e se ele se dá de uma forma nivelada.

Sendo o componente participativo o mais interessante para a nossa análise, vamos observar os resultados do instituto com relação ao impacto populista na dimensão participativa da democracia. Considerando que o populismo enxerga o povo como fonte de toda a autoridade política, espera-se que o impacto do populismo no índice de componente participativo (concernente ao nível de participação popular nas decisões) seja positivo, pois teria um estímulo à participação integral

dos cidadãos. Porém, os resultados obtidos seguiram na direção negativa, não correspondendo às expectativas, não alcançaram significância estatística para corroborar o impacto. Sendo assim, não é possível, com base nesses dados, afirmar que o populismo será necessariamente benéfico para o componente participativo da democracia e nem que será negativo.

Com a descrição dos problemas aqui levantados, é notório que o populismo e seu componente centrado no povo podem ter diferentes versões e, em algumas delas, encontrar certa aderência institucional e democrática, como no caso de Petro. Isso pode propiciar um aumento da expressão popular nas decisões, já que o conteúdo de suas pautas não procurava solapar nenhuma instituição, mas sim, pressioná-las quanto às demandas de interesse popular que estavam sendo negadas por simples arranjo político, como é o caso da situação insustentável do presidencialismo de coalizão em muitos países e, nesse caso, na Colômbia.

Já nos casos de Trump e Bolsonaro, é claro que o foco no povo de seus populismos visava apenas corroer as instituições democráticas e impor a sua vontade aos demais. Ou seja, ainda que focado na participação, o teor de suas aspirações era visivelmente prejudicial e procurava alterar o estabelecimento institucional a seu bel-prazer.

No entanto, é bem verdade que há muito tempo as instituições legislativas não procuram refletir a vontade do povo nas suas decisões, favorecendo, muitas vezes, os interesses de grupos sociais mais ricos e organizados. Há reflexos disso também em sua relação com o executivo, que, por sua vez, não consegue apoio para seus projetos, que algumas vezes podem ser prioritários para a população. Esse tipo de relação gera debates sobre a efetividade do pluralismo liberal no que tange à participação, isto porque ela se torna cada vez mais esporádica e menos ativa (Pateman, 1970).

A exploração do sentimento de sub-representação causado pelas instituições legislativas liberais pode ser um caminho fértil para a ascensão de lideranças populistas, que tendem a concentrar em si o poder de resolver as complexidades sociais, ao invés de promover verdadeiramente a participação popular mais distribuída e democrática. Diante disso, como será o futuro da democracia e da participação popular em um contexto marcado pelo populismo e pela insatisfação com as estruturas representativas?

CONCLUSÃO

A vasta literatura sobre populismo apresenta como norte a tensão entre este e a democracia liberal (Cassimiro, 2021). Os estudos que analisam a eleição de populistas e o governo destes são capazes de confirmar que o sentimento de insatisfação com as instituições da democracia liberal é central no fortalecimento de políticos e partidos populistas, impulsionando a tomada do poder por estes e possibilitando a ruptura das barreiras democráticas.

Além disso, a percepção de uma crise, seja essa causada pelos mais diversos fatores, a depender da região analisada, como o aumento generalizado da corrupção, a crescente de movimentos migratórios, defesa dos direitos das minorias, entre outros, é fundamental para o crescimento de manifestações de cunho populista e para a eleição de políticos outsiders, que empenham de discursos pelo retorno dos “velhos tempos”. Desta forma, o populismo não pode ser visto como um fenômeno alheio à democracia liberal, mas sim como uma consequência das falhas do sistema estabelecido. Marcadamente, a recessão causada pela crise financeira do subprime e a incapacidade

dos governos liberais de fornecer uma solução satisfatória para a população engendrou a presente ascensão de lideranças populistas críticas ao establishment, sejam de direita ou esquerda (Mouffe, 2019).

Apesar dos esforços de Weyland (2024) para desmistificar o impacto negativo da ascensão dos populistas no poder, a partir da afirmação de que a eleição de um líder populista não significará, necessariamente, a previsão de declínio democrático, não faltam exemplos de que existe, por parte dos populistas de extrema-direita nos últimos anos, como Donald Trump, nos Estados Unidos, e Jair Bolsonaro, no Brasil, a intenção de mobilização das insatisfações populares — consistindo, assim, a ativação de atitudes populistas, como conceituada por Silva (2018) — com a democracia liberal em direção ao ataque das instituições democráticas, observadas nas tentativas de invasão do Capitólio em 2021 e do Congresso Nacional 2023.

A insatisfação popular é central para o desenvolvimento de estudos sobre a ascensão de populistas e o declínio da capacidade de responsividade da democracia liberal, cada vez mais, agentes populistas de extrema-direita são capazes de mobilizar o caráter autoritário (Aguillar; Carlin, 2018) em direção ao ataque às instituições democráticas, assim como propagar a ideia da corrupção da classe política e sua falta de vontade de atender às necessidades do “povo”, que faz surgir a necessidade da eleição de personalidades de fora desse campo. Existe, portanto, um norte a ser explorado pelos futuros estudos sobre os componentes qualitativos da democracia, a fim de explorar possibilidades em termos de diminuição do caráter danoso dos populistas no controle de instituições democráticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, R.; CARLIN, R. E. Populist voters: The role of voter authoritarianism and ideology. **The Ideational Approach to Populism**. Londres: Routledge, 2018. p. 396-418.

CASSIMIRO, P. H. P. Os usos do conceito de populismo no debate contemporâneo e suas implicações sobre a interpretação da democracia. **Revista Brasileira De Ciência Política**, Brasília, n. 35, e242084, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.35.242084>. Acesso em: 16 out 2025.

FRASER, N. Do neoliberalismo progressista a Trump – e além. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 17, n. 40, p. 43-64, 2018.

MANUCCI, L. (Ed.). (2022). *The Populism Interviews: A Dialogue with Leading Experts*. Taylor & Francis. Cap 11, 12 e 20

MOUFFE, C. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

PATEMAN, C. **Participação e teoria democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RUTH-LOVELL, S. P.; LÜHRMANN, A.; GRAHN, S. **Democracy and populism: Testing a contentious relationship**.

Gothenburg: V-Dem Institute, 2019. (V-Dem Working Paper, n. 91).

SILVA, B. C. Populist success: A qualitative comparative analysis. **The Ideational Approach to Populism**. Londres: Routledge, 2018. p. 279-393.

WEYLAND, K. **Democracy's Resilience to Populism's Threat**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-73, 2024

COMUNICAÇÃO POPULISTA: UMA REVISÃO TEÓRICA DE CONCEITOS

Bruna Rodrigues da Costa Santos(1)

Dominique Ferreira Lepinsk Romio Silva(2)

Luana Lacerda de Gusmão(3)

Maria Clara de Queiroz Machado(4)

Pedro Henrique Teixeira Lourenço(5)

RESUMO: Este artigo investiga o populismo e sua relação com a comunicação política por meio de uma análise crítica da literatura. O populismo é compreendido como uma retórica de caráter maniqueísta, que contrapõe um “povo puro” a uma “elite corrupta”. A partir da teoria da identidade social, o estudo analisa como os processos de categorização social acentuam o antagonismo entre grupos, favorecendo a adesão a discursos populistas. Além disso, examina-se a conexão entre o populismo e o fenômeno da pós-verdade, sustentado por três pilares analíticos: cognição motivada, epistemologia conspiratória e *bullshit*. Evidências empíricas extraídas de diferentes contextos europeus demonstram o impacto da comunicação populista sobre as percepções do público. Em particular, observa-se que esse tipo de comunicação reforça estereótipos e fortalece a coesão grupal, especialmente em cenários marcados pela percepção de crises econômicas ou sociais.

Palavras-chave: Populismo, Comunicação Política, Identidade Social, Pós-verdade.

(1) Graduanda em Ciência Política e Bacharel em Relações Internacionais (UnB)

(2) Graduanda em Ciência Política (UnB)

(3) Graduanda em Ciência Política (UnB)

(4) Graduanda em Ciência Política (UnB)

(5) Graduando em Ciência Política (UnB)

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise crítica da literatura sobre o populismo, com ênfase em suas intersecções com a comunicação política. Busca-se, nesse sentido, sintetizar distintas perspectivas teóricas e abordagens empíricas que compõem o campo da comunicação populista. Adota-se, para fins analíticos, a definição de populismo proposta por Aslanidis (2015), que o caracteriza como uma retórica de natureza maniqueísta, pautada na oposição entre um “povo puro” e uma “elite corrupta”. Essa lógica discursiva opera pela simplificação de conflitos sociais complexos e pela mobilização de afetos, como ressentimento e desconfiança, articulando demandas por representação. Assim, entende-se o populismo como um estilo comunicativo que privilegia a autenticidade do líder, a identificação de inimigos internos ou externos e a promessa de restauração da vontade popular (Aslanidis, 2015). Trata-se, então, de um discurso flexível, capaz de se manifestar tanto em vertentes de esquerda quanto de direita, e que tende a ganhar força em contextos de crise

institucional e erosão da confiança nas formas tradicionais de mediação política.

A partir dessa concepção, o populismo se torna relevante para os estudos em comunicação política, ao evidenciar o papel central da linguagem, dos símbolos e dos meios de comunicação na construção da legitimidade política. Lideranças populistas frequentemente recorrem a estratégias comunicacionais diretas, como o uso intensivo das redes sociais, transmissões ao vivo e apelos emocionais, evitando a intermediação de instituições como partidos políticos ou a mídia tradicional (Corbu et al, 2019). Nessa lógica, a comunicação política ultrapassa a mera transmissão de mensagens, sendo compreendida como um processo de construção de identidades coletivas e de enquadramento do debate público. Compreender o populismo como um enquadramento discursivo, portanto, permite analisar como determinados discursos adquirem força social e moldam as relações entre representantes e representados na esfera política contemporânea (Aslanidis, 2020).

As transformações sociais, culturais, econômicas e políticas, intensificadas pelas inovações tecnológicas, têm alterado de forma significativa os processos comunicativos. A emergência da internet e das redes sociais, associada ao crescimento exponencial da circulação de informações, redefiniu as dinâmicas da comunicação política e impactou diretamente as práticas discursivas populistas. Nesse novo cenário, a comunicação populista passou a incorporar elementos como a pós-verdade, a disseminação de desinformação e o uso estratégico de *fake news*, além de se adaptar a formatos, linguagens e plataformas digitais cada vez mais fragmentadas e personalizadas (Kovic; Caspar; Rauchfleisch, 2018).

Embora a comunicação populista esteja presente no debate acadêmico há décadas, observa-se um interesse crescente em compreender como sua configuração contemporânea se articula com as transformações do ecossistema midiático. Diante desse contexto, este trabalho propõe-se a revisar a produção acadêmica recente que busca delinear as principais características da comunicação populista na atualidade, com especial atenção aos impactos das tecnologias da informação sobre esse fenômeno. Especificamente, pretende-se identificar como as transformações no ambiente midiático, notadamente a ascensão da internet, das redes sociais e da desinformação, influenciam a conformação da comunicação populista contemporânea. Ademais, busca-se compreender de que modo os recursos discursivos associados ao populismo são mobilizados para moldar comportamentos eleitorais e reforçar estratégias de disputa política no cenário atual.

2. Enquadramento

Para compreender como os recursos discursivos do populismo são mobilizados no cenário atual, é fundamental investigar os mecanismos simbólicos e psicossociais que sustentam sua eficácia comunicativa. Nesse sentido, torna-se relevante examinar como o populismo estrutura seu discurso por meio de estratégias de enquadramento que simplificam a realidade social e ativam identificações coletivas. Uma das abordagens teóricas que permite aprofundar essa análise é a teoria da identidade social, a partir da qual é possível compreender de que modo as narrativas populistas organizam o espaço político em termos de pertencimento e exclusão, operando com base em categorias identitárias mobilizadas afetivamente.

Com base na teoria da identidade social, Schulz, Wirth e Müller (2020) investigam os mecanismos que explicam a formação de atitudes populistas. Essa teoria parte do princípio de que os

indivíduos buscam construir uma identidade social positiva por meio da categorização social, um processo no qual o “eu” é definido em contraste com diferentes grupos, distinguindo-se entre o grupo interno⁷ e o grupo externo⁸. Embora uma pessoa possa se identificar com múltiplos grupos, a valorização de um em particular tende a reforçar simbolicamente esse pertencimento, promovendo percepções de superioridade em relação aos outros e acirrando o antagonismo intergrupal (Tajfel, 1978).

Essa dicotomia, independentemente do alinhamento ideológico, estabelece categorias sociais claras, embora flexíveis, facilitando a auto categorização dos indivíduos como membros do povo. Tanto povo quanto elite são conceitos maleáveis, adaptáveis conforme o contexto político e social. A elite pode englobar políticos, mídia, intelectuais e outros grupos percebidos como detentores de poder, enquanto o povo pode incluir desde a classe média até as camadas populares. Essa flexibilidade discursiva contribui para a força mobilizadora do populismo, ao oferecer uma visão de mundo simplificada, coesa e emocionalmente apelativa (Schulz; Wirth; Müller, 2020).

Líderes populistas exploram os mecanismos de identificação grupal para conquistar e manter apoio popular, utilizando estratégias de comunicação que difundem e reforçam discursos populistas. Ferramentas comunicacionais são empregadas para reiterar narrativas dicotômicas, sobretudo por meio da repetição de mensagens que reforçam a divisão entre povo e elite (Ponce, 2018). Isso fortalece a identificação dos indivíduos com o grupo interno e molda suas percepções sobre a realidade social e política. Assim, mecanismos psicológicos como o falso consenso e a percepção de uma mídia hostil exercem papel central na consolidação dessa identificação com o grupo do povo. A retórica antimídia, ao afirmar a existência de uma opinião pública majoritariamente alinhada ao grupo interno, contribui para a criação de protótipos e estereótipos que intensificam a oposição entre os grupos (Hameleers, 2018).

Indivíduos com atitudes populistas tendem a buscar coesão social e pertencimento, alinhando suas percepções e comportamentos às normas do grupo interno, especialmente aos seus modelos prototípicos. Nesse processo, ocorre a intensificação da despersonalização, isto é, a substituição da identidade individual pela identidade coletiva. O falso consenso atua como catalisador, levando os indivíduos a superestimarem o grau de concordância dentro do grupo, o que reforça tanto sua legitimidade quanto sua coesão frente ao grupo externo (Schulz; Wirth; Müller, 2020). O enquadramento social promovido pelo populismo intensifica esse efeito ao construir a percepção de que o grupo interno representa uma maioria legítima, silenciada e ameaçada pela elite. Essa construção simbólica reforça a convicção de que a opinião do grupo do povo corresponde à vontade popular autêntica, muitas vezes ignorada ou distorcida pela elite, especialmente em democracias liberais onde, em princípio, o poder deveria emanar do povo (Van Aelst *et al.*, 2017).

A mídia, conforme análise de Schulz, Wirth e Müller (2020), é comumente posicionada no discurso populista como elemento externo ao grupo interno, sendo alvo de um processo sistemático de estigmatização. Essa construção discursiva opera através da associação estratégica entre veículos jornalísticos e elites supostamente conspiratórias contra os interesses populares. Exemplificam essa dinâmica tanto os persistentes ataques de Donald Trump à CNN durante, principalmente, seu primeiro mandato presidencial, marcados pela acusação recorrente de propagação de *fake news*, quanto a

⁷Tradução livre de *In-group*; trata-se do grupo alinhado ao líder populista. Consultar Aslanidis (2018).

⁸Tradução livre de *Out-group*; refere-se ao grupo antagonizado pelo líder populista. Consultar Aslanidis (2018).

campanha de descredibilização da Rede Globo por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, que adotaram o termo “Globo lixo” como pecha política. Ao caracterizar a grande mídia como cúmplice de grupos dominantes, tais narrativas não apenas corroem a confiança no jornalismo profissional, mas também alimentam um ciclo pernicioso de polarização social, manifestado na rejeição seletiva a conteúdos midiáticos e na consequente fortificação de identidades grupais antagônicas (Van Aelst *et al.*, 2017).

Essa relação antagônica com a imprensa consolida-se como pilar fundamental da identidade populista, funcionando como mecanismo de coesão interna através da demarcação de um inimigo comum. O fenômeno produz um ambiente informacional distorcido, no qual informações que contradizem as crenças grupais são recebidas com resistência cognitiva, favorecendo o isolamento em bolhas epistêmicas e a proliferação de narrativas falsas (Schulz; Wirth; Müller, 2020). A tentativa de desmentido por parte da mídia tradicional frequentemente colide nessa barreira de desconfiança pré-estabelecida, como evidenciado no caso da falsa acusação de dependência química contra o candidato Guilherme Boulos (PSOL) durante as eleições municipais de São Paulo em 2024. Apesar da rápida desconstrução do laudo médico fraudulento divulgado por Pablo Marçal (PRTB), a narrativa continuou a circular em determinados círculos políticos, demonstrando como, em contextos de alta polarização, a adesão a desinformações persiste independentemente de verificações factuais.

Essa dinâmica gera uma dissociação entre a percepção de uma opinião pública alinhada ao povo e a visão hostil da mídia. Indivíduos tendem a projetar suas próprias crenças sobre o que consideram ser o senso comum, ao mesmo tempo em que veem a mídia como desconectada dos interesses populares (Schulz; Wirth; Müller, 2020). Além disso, a influência persuasiva da mídia sobre os membros do grupo interno é percebida como limitada, uma vez que se acredita que o povo age com base no senso comum. Essa lógica contribui para ampliar a distância entre a imagem positiva do grupo interno e a visão negativa da mídia (Tajfel, 1978).

3. Populismo e os mecanismos da pós-verdade

A partir de uma recuperação do que já foi abordado tanto academicamente quanto popularmente acerca do tema da pós-verdade, os autores Kovic, Caspar e Rauchfleisch (2018) refletem acerca do que eles denominam modelo de discurso político pós factual; esse modelo estaria alicerçado sobre três bases: cognição motivada, epistemologia conspiratória e *bullshit*.

Os autores realizam um resgate sobre o que se tem comumente e previamente definido acerca de temas como comunicação/discurso populista e pós-verdade. É importante ressaltar características como a importância da fragmentação da informação, assim como a limitação do aparelho cognitivo humano para o fenômeno. A crença de que o fenômeno da pós-verdade é deliberado e orientado e que há uma associação entre populismo e pós-verdade não estão erradas — entretanto, podem ser aperfeiçoadas para uma compreensão mais afiada do fenômeno da pós-verdade.

O refino que os autores realizam nas características já difundidas acerca do fenômeno da pós-verdade estão comportados dentro dos três elementos base do fenômeno já mencionados anteriormente (cognição motivada, epistemologia conspiratória e *bullshit*). De forma sumária, cada uma das facetas pode ser assim definida assim como está na Tabela I:

Tabela I

Cognição motivada	Epistemologia conspiratória	<i>Bullshit</i>
Fenômeno de aquisição e compartimentalização de novas informações no aparelho cognitivo humano. O cérebro tende a acomodar informações novas de forma a não balançar crenças pré-existentes. Em vez de questioná-las, a informação é reinterpretada para reforçá-las, evitando a dissonância cognitiva.	Quando uma nova informação contradiz crenças anteriores e não pode ser assimilada, ela é automaticamente rejeitada como falsa. Assume-se que foi criada por uma conspiração, ainda que não haja evidências que sustentem tal alegação.	Estratégia discursiva centrada na persuasão, em que o compromisso com a verdade é irrelevante. Diferente da mentira, o <i>bullshit</i> não exige que o emissor saiba se o que diz é verdadeiro ou falso — o foco está apenas em atingir um objetivo, não em transmitir fatos.

Fonte: produção própria/ Kovic, Caspar e Rauchfleisch (2018)

A partir dessa caracterização, os autores ressaltam quais os efeitos práticos do discurso da pós-verdade: um novo tipo de populismo, a erosão da dimensão epistêmica da democracia e a erosão do capital social (Kovic, Caspar e Rauchfleisch, 2018). Aqui, centraremos a análise nessa nova forma em que o discurso é entregue ao público e a repercussão para os eleitores.

A interação entre populismo e discurso de pós-verdade é, de acordo com os autores, não acidental. O populismo, enquanto categoria discursiva, se beneficia do discurso de pós-verdade na medida em que este incentiva a dicotomia entre “nós” e “eles”, além de inflar o sentimento conspiratório e, conseqüentemente, a desconfiança.

Hawkins, Kaltwasser e Andreadis (2018), por exemplo, não discutem quanto a especificidade das ferramentas retóricas utilizadas por líderes populistas; entretanto, o que podemos absorver do estudo que desenvolveram é que, certamente, esses mecanismos ajudam políticos a angariar votos.

O estudo em questão explora os efeitos da comunicação populista na eleição do parlamento grego em 2015 e nas eleições presidenciais chilenas em 2013. A partir dessa análise comparada, compreende-se que a comunicação representa a diferença entre o sucesso e a derrota eleitoral. Atitudes políticas só predispõe o voto, se o discurso é capaz de ativar a ação (Hawkins, Kaltwasser e Andreadis, 2018); nesse sentido, a cognição motivada passa a servir de artifício para incentivar atitudes a partir de crenças pré-existentes (Kovic, Caspar e Rauchfleisch, 2018).

Os estudos que serão apresentados em sequência têm como objetivo mostrar empiricamente como os elementos que compõem o fenômeno da pós-verdade, ou mesmo as mídias sociais, estão conectados com esse processo de ativação de atitudes; seus impactos no eleitorado e os possíveis efeitos práticos desse acontecimento no cenário político contemporâneo.

4. Hameleers

A compreensão do populismo no contexto da mídia contemporânea, caracterizado pela personalização da comunicação (Hameleers, 2018), revela complexidades que vão além das análises tradicionais. Neste cenário, no qual as fronteiras entre emissores e receptores se tornam cada vez mais fluidas nas plataformas de redes sociais, a comunicação populista se apresenta como um fenômeno multifacetado e fragmentado (Hameleers, 2018).

A natureza da comunicação populista implica que suas diversas manifestações perpassam,

de forma pulverizada, pelas interpretações individuais dos cidadãos e pelo conteúdo disponível nas mídias sociais. Nesse sentido, o populismo pode ser um ato comunicativo que cria divisões morais, sociais e políticas, separando o *in-group* do *out-group* (Hameleers, 2018). Essa divisão é frequentemente expressa mediante oposições verticais, em que os inimigos do povo são percebidos como uma elite ameaçadora que se posiciona acima do grupo homogêneo de cidadãos, e oposições horizontais, onde as ameaças incluem grupos sociais externos próximos, como imigrantes e beneficiários de políticas sociais (Hameleers, 2018).

Hameleers (2018) explora o fenômeno do populismo na sua dimensão vertical, destacando a relação antagonica entre o povo e as elites. Assim, a partir da categorização de quatro tipos de comunicação populista — *Anti Establishment*, Antielites Econômicas, Antiespecialistas e Antimídia — investiga-se como essas dinâmicas comunicativas moldam a percepção pública e alimentam a desconfiança nas instituições. Na categoria de populismo *Anti Establishment*, a relação vertical é entre as pessoas de bem e a ordem política estabelecida como culpada. Desse modo, os políticos são culpados pela não representatividade da vontade dos eleitores comuns, e a ordem política é acusada de agir apenas em nome de seus próprios interesses (Hameleers, 2018).

O populismo Antielites Econômicas constrói a oposição do povo às elites que maximizam o lucro e ameaçam os interesses materiais dos cidadãos comuns. Ademais, grandes corporações são culpadas por privar os cidadãos comuns daquilo que merecem (Elchardus e Spruyt, 2016). Hameleers (2018) esclarece que, ao buscar seus interesses econômicos, essas elites aumentam a distância entre os ricos e os pobres; por isso, os “extremamente ricos” são enquadrados como uma ameaça aos cidadãos trabalhadores.

Outra categoria de comunicação populista enquadrada nas oposições verticais do modelo teórico triplo é o populismo Antiespecialistas. Essa categoria está ligada à era do relativismo pós-factual (Kovic; Caspar; Rauchfleisch, 2018), em que os fatos fornecidos pelas instituições têm sido cada vez mais interpretados com ceticismo e desconfiança por parte da população (Hameleers, 2018). Nessa categoria, os cientistas são acusados de confiar em análises tecnocráticas distanciadas da realidade cotidiana, imprecisas de questões sociais importantes que, consoante a lógica populista, não aliviam os problemas do povo. Nesse contexto, presume-se que cidadãos comuns sejam mais bem informados e mais capazes do que os especialistas para encontrar soluções para os problemas sociais (Hameleers, 2018).

O populismo Antimídia é a última categoria enquadrada nas oposições verticais. Nela, o outro é verticalmente construído como pertencente a um grupo homogêneo de elites não políticas. Os meios de comunicação social tradicionais são retratados como fontes não confiáveis que, apesar de terem o dever de representar as pessoas comuns e as suas necessidades, não estão dispostos a tal. Este tipo de comunicação populista é identificado nos meios de comunicação não tradicionais, majoritariamente online. Nesse cenário, criam-se comunidades governadas pelas próprias pessoas, em substituição a elites profissionais. Este componente do populismo está relacionado com o suposto aumento da desconfiança nos meios de comunicação social, acusados de divulgarem notícias falsas (Van Aelst *et al.*, 2017).

As oposições horizontais são construídas em torno de divisões sociais e culturais entre grupos que vivem lado a lado dentro da mesma nação ou espaço territorial (Hameleers, 2018). Assim, migrantes, minorias sociais e beneficiários de políticas públicas sociais são frequentemente representados como grupos externos, contrastando com o povo, visto como o grupo legítimo e moralmente

superior. A partir da categorização dos tipos de comunicação populista visíveis horizontalmente no modelo teórico triplo — Populismo de Superioridade Intragrupo, Populismo de Exclusão e Populismo Chauvinista do Estado de Bem-Estar Social — é perceptível que essa construção de alteridade é central para mobilizar apoio político e criar um sentimento de pertencimento no grupo majoritário (Hameleers, 2018).

O populismo de Superioridade Intragrupo é caracterizado pela ênfase na superioridade das tradições, religiões e culturas do grupo nativo em relação às de grupos externos. Nessa categoria, há um enfoque na pureza cultural e na rejeição de práticas estrangeiras (Hameleers, 2018). Segundo a teoria da identidade social (Tajfel, 1978), a identificação com o grupo interno é fortalecida pela atribuição de qualidades positivas a este grupo, fortalecendo a percepção de que suas tradições são mais desenvolvidas e civilizadas. Em contrapartida, pela desvalorização do grupo externo que tem sua identidade retratada como inferior e atrasada.

Já o populismo de Exclusão, segunda categoria das oposições horizontais, é caracterizado por um grupo interno composto por “pessoas comuns” que se vê ameaçado por elementos externos culpados pelos seus problemas. Ao contrário de outras formas de populismo que se concentram em uma nação homogênea, este tipo constrói o povo como uma comunidade de pessoas que compartilham uma proximidade cultural e econômica, mas que sentem que foram alienados de sua própria nação. Essa categoria visa criar uma identidade consolidada para o grupo interno, ao mesmo tempo, em que desloca a culpa pelas crises existentes para os grupos externos, compostos em sua maioria por imigrantes.

A terceira tipologia é o populismo Chauvinista do Estado de Bem-Estar Social. Ele é uma extensão do populismo de Exclusão, com foco específico na divisão entre os contribuintes “trabalhadores” e os “aproveitadores” do sistema, como requerentes de asilo ou pessoas que recebem subsídios. Essa narrativa sugere que é injusto que aqueles que contribuem com o sistema não sejam adequadamente recompensados, enquanto grupos externos ou marginalizados usufruem dos benefícios sem oferecer nada em troca. Assim, cria-se um sentimento de injustiça entre os trabalhadores, que veem seus esforços sendo explorados, e reforça a ideia de que o estado de bem-estar social deve servir apenas ao grupo interno, ou seja, aos cidadãos que contribuem com o sistema.

5. Aferindo os efeitos da Comunicação Populista

Dessa forma, para ilustrar o fenômeno da comunicação populista, o presente texto abordará dois estudos de caso que foram publicados na obra *“Communicating Populism”* (2019). Em um primeiro momento serão discutidos os efeitos da comunicação populista (Hameleers *et al.*, 2021) e, posteriormente, as respostas cognitivas da comunicação populista. Ambas as pesquisas foram feitas na Europa — ou seja, em um cenário sociocultural com grande aceitação discurso populista, tanto pelas mídias tradicionais quanto por parte dos partidos políticos ou mesmo a própria sociedade europeia (Hameleers, 2018).

5.1. Os Efeitos da Mensagem

A primeira pesquisa foi realizada em 2017, em 15 países europeus simultaneamente, com o objetivo de analisar a recepção de mensagens populistas (Hameleers *et al.*, 2021). Utilizou-se um questionário padronizado, contendo diferentes tipos de notícias com viés populista, tanto à esquer-

da quanto à direita, baseadas na lógica binária entre um povo moralmente superior e uma elite corrupta (Hameleers *et al.*, 2021).

A pesquisa enfrentou desafios relacionados à equivalência e à credibilidade das mensagens, devido aos fatores contextuais específicos de cada país (Hameleers; Andreadis; Reinemann, 2019). Em algumas nações, a elite é vista como principal culpada pela crise socioeconômica, enquanto em outras, a culpa recai sobre os imigrantes, especialmente onde há forte presença de refugiados (Corbu *et al.*, 2019).

Dessa forma, a coleta de dados foi feita online por meio de empresas locais, respeitando as particularidades políticas de cada país. Para preservar a neutralidade, foi criada uma fundação de pesquisa fictícia, com base no estilo editorial da *Euronews* (Hameleers; Andreadis; Reinemann, 2019). Foi adotada uma concepção de populismo como um quadro discursivo de identidade social, formado por diferentes elementos combinados (Hameleers *et al.*, 2021). Seis condições experimentais de populismo foram testadas: populismo vazio/de centro, antielitista, excludente de direita, completo de direita, excludente de esquerda e completo de esquerda (Hameleers; Andreadis; Reinemann, 2019).

Cada condição originou uma notícia populista distinta, nas quais a perda do poder de compra era atribuída a um grupo culpado, variando conforme a narrativa populista (Hameleers; Andreadis; Reinemann, 2019). Essas seis condições foram comparadas a duas condições de controle: uma sem atribuição de culpa e outra responsabilizando a elite política, mas sem exaltar o povo como vítima. As respostas eram dadas em uma escala de 1 (pouco provável) a 7 (muito provável), indicando a adesão dos entrevistados às diferentes narrativas (Hameleers; Andreadis; Reinemann, 2019).

A pesquisa mostrou que os alvos da comunicação populista variam (Hameleers; Andreadis; Reinemann, 2019). No populismo vazio, o povo é destacado como vítima. No antielitista, a elite política é culpada. No excludente de direita, os imigrantes são responsabilizados. No completo de direita, tanto imigrantes quanto elites políticas são alvos. No excludente de esquerda, a culpa recai sobre as elites econômicas, e no completo de esquerda, sobre elites políticas e econômicas (Hameleers; Andreadis; Reinemann, 2019). Os resultados indicaram diferenças regionais relevantes: o populismo antielite tem maior adesão no sul da Europa, em países afetados por crises econômicas; já o populismo anti-imigração é mais forte na Europa Ocidental (Corbu *et al.* 2019).

Entretanto, os elementos da pós-verdade, em especial a cognição motivada, nos levam a perceber um padrão dentro da escolha individual dos entrevistados. A preferência geral dos participantes por narrativas populistas em relação às opções neutras é justificada pelo fato do aparelho cognitivo humano ser mais suscetível a mensagens que validam suas crenças (Kovic, Caspar e Rauchfleisch, 2018). A mobilização da culpa dentro das mensagens populistas serve como validação para os anseios dos indivíduos e do coletivo (Corbu *et al.* 2019). Nesse viés, não surpreende ver que os estereótipos coletados em cada país estão alinhados com a percepção de culpa exposta na mídia (Corbu *et al.* 2019). Por fim, isso reforça o argumento de que a comunicação populista é fragmentada, multifacetada e eficaz na mobilização popular, especialmente em contextos de crise (Hameleers; Andreadis; Reinemann, 2019).

5.2. RESPOSTAS COGNITIVAS PARA COMUNICAÇÃO POPULISTA:

A teoria da comunicação populista desenvolvida por Aalberg, Esser, Reinemann, Strömbäck e de Vreese (2017) identifica três pilares centrais — atores políticos, mídia e cidadãos. Nesse sentido, Corbu et al. (2017) entendeu ser interessante observar os impactos cognitivos de discursos populistas sob a perspectiva dos indivíduos que estão recebendo e processando aquela mensagem, não focando apenas no tipo de discurso que os atores estão proferindo, tal como já é comum na literatura.

A pesquisa comparativa dos autores não só revelou as variações nas narrativas populistas entre diferentes países, como também evidenciou como essas narrativas, ao atribuírem culpa a *out-groups* específicos, influenciam diretamente nas percepções de responsabilidade e estereótipos sociais. De acordo com os autores, a exposição a mensagens populistas que culpam elites políticas ou imigrantes ativa esquemas cognitivos que reforçam estereótipos implícitos e explícitos sobre esses grupos, moldando as percepções individuais e coletivas.

As atribuições de culpa são uma característica central da comunicação populista, em que grupos externos, como imigrantes ou elites políticas, são frequentemente responsabilizados por problemas socioeconômicos. Essa estratégia é efetiva porque opera no nível cognitivo, ativando esquemas mentais simplificados que reforçam divisões entre “nós” e “eles” (Hameleers et al., 2017a). Isso facilita o processo de formação de julgamentos e estereótipos negativos, como a utilização de jogos de palavras que reforçam certas perspectivas políticas. No caso de um discurso contra grupos específicos, podem ser utilizadas palavras que levam a fazer associações ligadas a algum estereótipo, como relacionar imigrantes à preguiça, ou políticos à corrupção (xxx).

Essa dinâmica de culpa e estereotipagem também se reflete nas diferenças entre os contextos políticos nacionais. Por exemplo, conforme discutido por Corbu et al. (2018), a culpabilização de imigrantes no contexto de uma crise econômica pode variar significativamente entre países, dependendo de como o debate sobre imigração já está enraizado na sociedade. Em muitas nações, como, por exemplo, a Áustria e a Alemanha, a culpabilização de políticos intensifica estereótipos negativos mais do que a culpabilização dos imigrantes (Corbu et al., 2018).

Além disso, as mensagens populistas não apenas afetam as percepções imediatas, mas também têm efeitos de longo prazo na forma como os cidadãos internalizam essas divisões sociais. A comunicação populista tem um poder duradouro, capaz de moldar as percepções e atitudes do público de maneira consistente e persistente. As divisões criadas entre o “povo virtuoso” e os “outros culpados” são mais do que ferramentas retóricas; elas são mecanismos que operam em níveis cognitivos profundos, influenciando como os cidadãos veem o papel dos imigrantes, das elites políticas e econômicas, e, finalmente, o próprio sistema democrático (Corbu et al., 2018).

Este fenômeno multifacetado e fragmentado, opera de maneira distinta entre diferentes países e contextos políticos. Esse fator reforça a necessidade de uma análise mais detalhada dos efeitos cognitivos da comunicação populista de acordo com a realidade do local.

6. CONCLUSÃO

O principal objetivo deste trabalho foi analisar criticamente a comunicação populista, destacando como ela utiliza a dicotomia “povo *versus* elite” para atrair e consolidar seu público. O trabalho se propôs a sintetizar diferentes perspectivas sobre o impacto das narrativas populistas, especialmente em contextos onde a desinformação e o fenômeno da pós-verdade aumentam a fragmentação da opinião pública. Partindo da teoria da identidade social, o estudo explorou como a categorização social facilita a polarização ao reforçar a identificação do público com um grupo

interno, frequentemente associado ao “povo virtuoso”. Essa análise busca contribuir para o entendimento de como as narrativas populistas manipulam percepções sociais e políticas, impactando as atitudes e decisões eleitorais.

As evidências mobilizadas corroboraram as correntes teóricas abordadas, confirmando que a comunicação populista consegue influenciar significativamente a percepção pública e fortalecer estereótipos, especialmente ao operar com ferramentas que ativam esquemas cognitivos simplificados. Os resultados dos estudos empíricos revisados mostraram que, em contextos europeus, o apelo populista aumenta a rejeição às elites e favorece a coesão grupal em ambientes marcados por crises socioeconômicas. Ademais, os elementos da pós-verdade, como a epistemologia conspiratória, validaram a hipótese de que a comunicação populista pode estimular desconfiança em relação à mídia, aumentando a percepção de uma sociedade dividida.

Este trabalho traz uma contribuição importante para a área da comunicação política, ao detalhar os processos psicológicos e comunicacionais que sustentam o populismo, oferecendo uma base para futuros estudos sobre os efeitos de longo prazo dessas dinâmicas. A conclusão destaca a importância de pesquisas contínuas para aprofundar o entendimento dos impactos das narrativas populistas, sobretudo em um ambiente midiático que intensifica a propagação de discursos polarizadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AALBERG, T.; ESSER, F.; REINEMANN, C.; STRÖMBÄCK, J.; DE VREESE, C. H. (Eds.). *Populist political communication in Europe*. London: Routledge, 2017.

ASLANIDIS, P. Is populism an ideology? A refutation and a new perspective. *Political Studies*, [s.l.], v. 64, n. 1 Suppl, p. 88–104, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-9248.12224>.

Aslanidis, P. (2020). The social psychology of populism.

CORBU, N.; BOS, L.; SCHEMER, C.; SCHULZ, A.; MATTHES, J.; DE VREESE, C. H. et al. Cognitive responses to populist communication: The impact of populist message elements on blame attribution and stereotyping. In: CORBU, N.; BOS, L.; SCHEMER, C.; SCHULZ, A.; MATTHES, J.; DE VREESE, C. H. *Communicating Populism*. London: Routledge, 2019. p. 183-206.

ELCHARDUS, M.; SPRUYT, B. Populism, Persistent Republicanism and Declinism: An Empirical Analysis of Populism as a Thin Ideology. *Government and Opposition*, v. 51, n. 1, p. 111-133, 2016. <https://doi.org/10.1017/gov.2014.27>.

HAMELEERS, M. A typology of populism: Toward a revised theoretical framework on the sender side and receiver side of communication. *International Journal of Communication*, v. 12, p. 20, 2018.

HAMELEERS, M.; ANDREADIS, I.; REINEMANN, C. Investigating the effects of populist communication: Design and measurement of the comparative experimental study. In: CORBU, N.; BOS, L.; SCHEMER, C.; SCHULZ, A.; MATTHES, J.; DE VREESE, C. H. *Communicating Populism*. London: Routledge, 2019. p. 168-182.

HAMELEERS, M.; SCHMUCK, D.; SCHULZ, A.; WIRZ, D. S.; MATTHES, J.; BOS, L.; CORBU, N.; ANDREADIS, I. The effects of populist identity framing on populist attitudes across Europe: evidence from a 15-country comparative experiment. *International Journal of Public Opinion Research*, [s.l.], v.

33, n. 3, p. 491–510, Autumn 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ijpor/edaa018> .

HAWKINS, K. A. KALTWASSER, C. R.; ANDREADIS, I. The activation of populist attitudes. *Government and Opposition*, v. 55, n. 2, p. 283-307, 2020.

KOVIC, M.; CASPAR, C.; RAUCHFLEISCH, A. Motivated cognition, conspiratorial epistemology, and bullshit: A model of post-factual political discourse. *Government and Opposition*, 2018.

PONCE, M. F. Populismo, lenguaje y representación (Populism, Language, and Representation). 2018. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3286002>

TAJFEL, H. *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations*. London: Academic Press, 1978.

SCHULZ, A.; WIRTH, W.; MÜLLER, P. We Are the People and You Are Fake News: A Social Identity Approach to Populist Citizens' False Consensus and Hostile Media Perceptions. *Communication Research*, v. 47, n. 2, p. 201-226, 2020. <https://doi.org/10.1177/0093650218794854>.

VAN AELST, P.; STRÖMBÄCK, J.; AALBERG, T.; ESSER, F.; DE VREESE, C.; MATTHES, J. et al. Political communication in a high-choice media environment: a challenge for democracy? *Annals of the International Communication Association*, v. 41, n. 1, p. 3-27, 2017. <https://doi.org/10.1080/23808985.2017.1288551>.

